



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NEUROCIÊNCIAS E
COMPORTAMENTO

Traços *Callous-Unemotional* e Teoria do Apego:
Insensibilidade e Afetividade Restrita em jovens adultos no norte do Brasil

Camila Borges Gonçalves

BELÉM-PA

2026

CAMILA BORGES GONÇALVES

**Traços *Callous-Unemotional* e Teoria do Apego:
Insensibilidade e Afetividade Restrita em jovens adultos no norte do Brasil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Neurociências e Comportamento da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Neurociências e Comportamento.

Orientadora: Profa. Dra. Rachel Ripardo

Coorientador: Prof. Dr. Caio Maximino

BELÉM-PA

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B732t Borges, Camila.
 Traços Callous-Unemotional e Teoria do Apego:
 Insensibilidade e Afetividade Restrita em jovens adultos no
 norte do Brasil / Camila Borges. — 2025.
 67 f. : il.

 Orientador(a): Prof^a. Dra. Rachel Ripardo
 Coorientador(a): Prof. Dr. Caio Maximino
 Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
 Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento, Programa de
 Pós-Graduação em Neurociências e Comportamento, Belém, 2026.

 1. Callous-Unemotional. 2. Insensibilidade e
 Afetividade Restrita. 3. Teoria do Apego. 4. Jovens
 adultos. I. Título.

CDD 155.2

FOLHA DE AGRADECIMENTO À AGÊNCIA FINANCIADORA

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

Camila Borges Gonçalves, Programa de Pós-Graduação em Neurociências e Comportamento da Universidade Federal do Pará, Belém-PA, Brasil.

Contato: Camila Borges Gonçalves

E-mail: camilaborgesgoncalves@gmail.com

CAMILA BORGES GONÇALVES

**Traços *Callous-Unemotional* e Teoria do Apego:
Insensibilidade e Afetividade Restrita em jovens adultos no norte do Brasil**

Dissertação apresentada como requisito
para obtenção do título de Mestre em
Neurociências e Comportamento pela
Universidade Federal do Pará

Data de aprovação: 25 /03 /2026

Banca Examinadora:

Profa Dra. Rachel Coelho Ripardo, Universidade Deferal do Pará, Orientadora

Prof Dr. Caio Maximino, Universidade Federal do Pará, Coorientador

Profa Dra. Hellen Viviani Veloso Corrêa, Universidade Federal do Pará (Banca)

Prof Dr. Paulo Roney Kilpp Goulart (Banca)

Profa Dra. Natália Bezerra Dutra (Suplente)

BELÉM-PA
2026

Termo de Autorização e Declaração de Distribuição não exclusiva para Publicação Digital no Repositório Institucional da UFPA

IDENTIFICAÇÃO DO AUTOR E DA OBRA

Autor*: Camila Borges Gonçalves

Vínculo com a UFPA: () Servidor; (X) Discente

Unidade: Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento

Sub Unidade: Programa de Pós-Graduação em Neurociências e Comportamento

Tipo do documento: () Tese; (X) Dissertação; () Livro; () Capítulo de Livro; () Artigo de Periódico; () Trabalho de Evento; () Outro. Especifique: _____

Título do Trabalho: Traços *Callous-Unemotional* e Teoria do Apego: Insensibilidade e Afetividade Restrita em jovens adultos no norte do Brasil.

Data da Defesa: 25/03/2026 Área do Conhecimento: Psicologia

Linha de Pesquisa: Processos Comportamentais Complexos Agência de Fomento: Capes

*Para cada autor, uma autorização preenchida e assinada.

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA

O referido autor: Camila Borges Gonçalves

Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal do Pará os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros, está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal do Pará, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a UFPA a disponibilizar de acordo com a licença pública Creative Commons Licença 3.0 Unported, e de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra citada, conforme permissões abaixo por mim assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou download, a partir desta data.

Permitir o uso comercial da obra?

(X) Sim

() Não

Permitir modificações em sua obra?

() Sim, contanto que compartilhem pela mesma licença

(X) Não

O documento está sujeito ao registro de patente?

() Sim

(X) Não

A obra continua protegida conforme a Lei de Direito Autoral.

Belém (PA), 8/06/2026



Documento assinado digitalmente

CAMILA BORGES GONCALVES

Data: 08/06/2026 12:02:01-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Às mulheres que existiram e resistiram para estarmos aqui.

Borges, C. G. (2026). **Traços *Callous-Unemotional* e Teoria do Apego: Insensibilidade e Afetividade Restrita em jovens adultos no norte do Brasil.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Neurociências e Comportamento. Belém-PA. 67 páginas.

Resumo

Os Traços *Callous-Unemotional*, ou Traços de Insensibilidade e Afetividade Restrita em tradução para o português brasileiro, são definidos como um conjunto de características afetivas, comportamentais e interpessoais de insensibilidade emocional e distanciamento afetivo que surgem ainda na infância e podem ser agravados ou atenuados a depender de influências da ontogênese (história de vida). A Teoria do Apego, pensada por John Bowlby em 1969 e estruturada por Mary Ainsworth em 1970 com as classificações dos estilos de apego em seguro, inseguro-ansioso e inseguro-evitativo, descrevem um conjunto de sistemas biopsicossociais de busca por proximidade entre a criança e suas figuras centrais de cuidado e da sensibilidade destas figuras às demandas psicológicas, biológicas e sociais da criança. Dentre os padrões de funcionamento destes sistemas moldados pelas relações centrais de cuidado, o estilo de apego inseguro-evitativo tem com características centrais o distanciamento emocional, o funcionamento autocentrado e a inexpressão afetiva, semelhante às características dos traços *callous-unemotional*. **Objetivo:** investigar se há associação entre os escores do traços *callous-unemotional* e os estilos de apego em jovens adultos no Brasil. **Método:** trata-se de uma pesquisa transversal e correlacional com uma amostra de 217 jovens adultos de 18 a 21 anos residentes em 12 estados brasileiros. A captação dos participantes ocorreu por meio de divulgação presencial na Universidade Federal do Pará (UFPA), na Universidade da Amazônia (UNAMA) e na internet. A coleta de dados foi feita através de três instrumentos: Questionário Sociodemográfico e de História de Vida, Escala de Estilo de Relacionamento e Inventário de Traços de Insensibilidade e Afetividade Restrita. A análise dos dados foi realizada através do software JAMOVI e a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (parecer Nº 7.548.862). Os resultados sugerem uma associação significativa entre os traços *callous-unemotional* e o estilo de apego evitativo, com a maior associação entre o subfator de indiferença. Como análise secundária, os traços *callous-unemotional* demonstraram associação significativa entre pessoas que relataram ter praticado ao menos três tipos de agressões (verbal, física e psicológica). Em síntese, os resultados sugerem haver uma associação positiva entre maiores escores dos traços *callous-unemotional* com o estilo de apego inseguro-evitativo e com comportamentos antissociais. Além disso, a literatura sugere que as variáveis de estilo de apego, história de vida, desenvolvimento neuropsicológico e habilidades socioemocionais podem ser fatores agravantes mas também fatores protetivos dos traços de insensibilidade e afetividade restrita em crianças, adolescentes e adultos.

Palavras-Chave: *callous-unemotional*, insensibilidade e afetividade restrita, teoria do apego, jovens adultos

Borges, C. G. (2026). **Callous-Unemotional Traits and Attachment Theory: Insensitivity and restricted affectivity in young adults in north Brazil**. Master's Thesis. Postgraduate Program in Neuroscience and Behavior. Belém-PA. 67 pages.

Abstract

Callous-unemotional traits, or traits of insensitivity and restricted affectivity in Brazilian Portuguese translation, are defined as a set of affective, behavioral, and interpersonal characteristics of emotional insensitivity and affective detachment that emerge in childhood and can be aggravated or attenuated depending on ontogenetic (life history influences). Attachment Theory, conceived by John Bowlby in 1969 and structured by Mary Ainsworth in 1970 with the classifications of attachment styles into secure, insecure-anxious, and insecure-avoidant, describes a set of biopsychosocial systems of seeking proximity between the child and their central caregivers and the sensitivity of these figures to the child's psychological, biological, and social demands. Among the functioning patterns of these systems shaped by central care relationships, the insecure-avoidant attachment style has as central characteristics emotional detachment, self-centered functioning, and affective inexpression, similar to the characteristics of callous-unemotional traits. Objective: To investigate whether there is an association between callous-unemotional trait scores and attachment styles in young adults in Brazil. Method: This is a cross-sectional and correlational study with a sample of 217 young adults aged 18 to 21 years residing in 12 Brazilian states. Participant recruitment occurred through in-person outreach at the Federal University of Pará (UFPA), the University of the Amazon (UNAMA), and online. Data collection was performed using three instruments: a Sociodemographic and Life History Questionnaire, a Relationship Style Scale, and an Inventory of Callousness and Restricted Affectivity Traits. Data analysis was performed using JAMOVI software, and the research was approved by the Ethics and Research Committee (opinion No. 7,548,862). The results suggest a significant association between callous-unemotional traits and avoidant attachment style, with the strongest association reported between the indifference subfactor. As a secondary analysis, callous-unemotional traits showed a significant association among individuals who reported having practiced at least three types of aggression (verbal, physical, and psychological). In summary, the results suggest a positive association between higher scores on callous-unemotional traits and insecure-avoidant attachment style and antisocial behaviors. Furthermore, the literature suggests that variables such as attachment style, life history, neuropsychological development, and socioemotional can be both aggravating and protective factors against callous and restricted affective traits in children, adolescents, and adults.

keywords: *callous-unemotional traits, insensitivity and restricted affectivity, attachment theory, young adults*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1.Definições dos traços <i>callous-unemotional</i>	11
1.1.Callous-unemotional e diferenças entre gêneros.....	14
1.2 Callous-unemotional e corretados neurobiológicos.....	15
2. TEORIA DO APEGO.....	17
2.1.Estilos de apego.....	18
2.2. Neurobiologia do sistema de apego.....	21
2.3. Críticas à teoria clássica do apego.....	24
2.4. Influência do apego no desenvolvimento.....	26
3. METODOLOGIA.....	29
3.1 Objetivos.....	29
3.2 Participantes.....	29
3.3 Considerações Éticas.....	29
3.4 Instrumentos.....	30
3.5 Análise dos dados.....	31
5. RESULTADOS.....	34
5.1 Análise descritiva.....	34
5.2 Teste de Kruskal-Wallis.....	36
5.3 Traços <i>callous-unemotional</i> e gênero.....	39

5.4 Traços <i>callous-unemotional</i> e história de vida.....	40
6. DISCUSSÃO.....	41
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
9. REFERÊNCIAS.....	50
10. APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	55
11. APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO E DE HISTÓRIA DE VIDA.....	57
12. ANEXO 1 - ESCALA DE ESTILO DE RELACIONAMENTO.....	59
13. ANEXO 2 - INVENTÁRIO DE TRAÇOS DE INSENSIBILIDADE E AFETIVIDADE RESTRITA.....	61
14. ANEXO 3 - APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS.....	63

Introdução

Os traços *callous-unemotional* (TCUs) são um conjunto de características comportamentais, emocionais e cognitivas de frieza sentimental, menor expressividade de emoções e distanciamento nas relações interpessoais (Rigatti, 2017). Existem em uma distribuição normal na população geral e são categorizados como um espectro que contempla uma variedade de perfis, podendo existir tanto em níveis mais graves com comportamentos antissociais quanto em menor grau como um traço de personalidade que não interfere significativamente em relações interpessoais e nas emoções do indivíduo. Traduzido para o português brasileiro como Traços de Insensibilidade e Afetividade Restrita, são subdivididos entre os subfatores de insensibilidade (*callous*), indiferença (*uncaring*) e inexpressividade de emoções (*unemotional*). Variáveis como história de vida, desenvolvimento neurológico e de personalidade são importantes aspectos considerados fatores de risco mas também de proteção do desenvolvimento dos traços.

Robertson et al. (2023) descrevem os traços *callous-unemotional* (TCUs) como um conjunto de traços psicológicos relacionados à redução da emotividade ou conexões afetivas profundas e frieza emocional com capacidade limitada para culpa, redução da preocupação com os outros e da capacidade de demonstrar emoções de forma apropriada. Características comuns como arrogância, falta de empatia e manipulação são esperadas em pessoas com escores mais altos desses traços (Figueiredo et al., 2024). Tomlinson (2022) afirma que há uma tendência de altos escores de TCUs estarem relacionado a níveis mais nocivos de comportamentos antissociais e Frick (2008) afirma que o *callous-unemotional* é por essência um déficit do “fator afetivo”.

Apesar de não ser considerado uma psicopatologia em si, é citado no DSM-5 como uma especificação dos critérios diagnósticos do Transtorno de Conduta, com a nomenclatura de “emoções pró-sociais limitadas” e subdividido em quatro características centrais, sendo (1)

ausência de remorso, (2) insensibilidade, (3) despreocupação com desempenho (4) afeto superficial ou deficiente. Cada uma dessas características é seguida de descrições e classificações como leve, moderada e grave a depender do perfil comportamental, do histórico e da intensidade em que cada característica é expressada pelo indivíduo ao longo da vida (DSM-5, 2022).

No Brasil, a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (OMS, 2019), ou CID-11, em seu sexto capítulo que trata sobre os transtornos mentais, comportamentais ou do desenvolvimento neurológico, e cita as “emoções pró-sociais limitadas” como um especificador do Transtorno Desafiador Opositor (6C90) e do Transtorno de Conduta-Dissocial (6C91), ambos com início tanto na infância quanto na adolescência. Dentro da categoria de Transtornos de Personalidade as “emoções pró-sociais limitadas” não são citadas diretamente, mas há especificadores chamados de padrões proeminentes de “dissocialidade” que apresenta uma descrição semelhante, descrita abaixo.

(...) desconsideração em relação aos direitos e sentimentos de outros, abrangendo tanto o autocentrismo quanto a falta de empatia. Manifestações comuns da Antissocialidade, que podem não estar todas presentes em um determinado indivíduo num determinado momento, incluem: autocentrismo (p. ex., expectativa da admiração dos outros, comportamentos positivos ou negativos de busca de atenção, preocupação com suas próprias necessidades, desejos e conforto, e não com as dos outros); e falta de empatia (i. e., indiferença se suas ações causam inconveniência ou dano a outros, o que pode incluir ser enganador, manipulador e explorador de outros, ser cruel e fisicamente agressivo, insensibilidade em resposta ao sofrimento alheio e implacabilidade para alcançar seus próprios objetivos).

O Inventory of Callous-Unemotional Traits foi o instrumento criado por Frick et al. (2008) para mensurar os escores dos traços gerais e de cada subfator do construto *callous-unemotional*. Foi traduzido e adaptado para o português brasileiro em 2016 por Rigatti com o nome de Inventário de Traços de Insensibilidade e Afetividade Restrita, contendo 24 itens em escala tipo likert de 4 pontos e subdividido entre os escores de insensibilidade, indiferença e inexpressão. No Brasil, as pesquisas sobre os traços de insensibilidade ainda não têm tanta visibilidade comparado a outros temas mais tradicionais da psicologia, sendo os poucos estudos nacionais voltados unicamente para os níveis clínicos e antissociais do construto, principalmente pesquisas com crianças e adolescentes institucionalizados (Rigatti, 2016). Por isso, a importância de desenvolver pesquisas com amostras não institucionalizadas que possibilitem outros níveis de entendimento destes traços assim como a tentativa de compreensão das origens destas características, considerando as variáveis neurobiológicas mas também do desenvolvimento e ontogenéticas, como as relações interpessoais, com níveis de explicações proximais e distais.

Moore et al. (2019) sugerem haver duas etiologias para os TCUs, classificados como TCUs primários e TCUs secundários. Os TCUs primários referem-se à origem dos traços influenciados por características genéticas que interferem no desenvolvimento de determinadas regiões cerebrais relacionadas às respostas de medo e ansiedade, com déficits no processamento emocional, como hipoativação da amígdala, e consequente baixa modulação comportamental através de punições e estímulos aversivos (Craig & Moretti, 2018), frequentemente relacionado a sintomas externalizantes e impulsividade¹. Os TCUs secundários referem-se a origem dos traços através do aprendizado de repertório comportamental como respostas adaptativas a ambientes de traumas e negligências na infância e adolescência, (Gao & Raines, 2024), e em geral são associados a sintomas

1 O termo “sintomas externalizantes” significa sintomas positivos ou observáveis, demonstrado externamente, como exacerbação de comportamentos e características, geralmente associados à agressividade, impulsividade e comportamentos desviantes da norma.

internalizantes², como transtornos de ansiedade, estresse pós-traumático, transtornos depressivos e embotamento afetivo (Kimonis et al., 2013). A história de vida com as habilidades socioemocionais e a qualidade das relações interpessoais são fatores que podem atenuar o desenvolvimento dos traços secundários mas também primários, evidenciando a importância do ambiente de desenvolvimento saudável e aprendizado de controle de impulsos como prevenção a níveis mais graves dos traços.

Traços *callous-unemotional* e diferenças entre gêneros

Fontaine et al. (2010) sugerem que existem diferenças entre homens e mulheres nas formas como os TCUs são expressos. Segundo Craig e Moretti (2018), análises feitas em suas pesquisas demonstraram um número maior de meninos com maiores escores totais de TCUs (27%) quando comparados às meninas (15%). Wright et al. (2019), em uma pesquisa longitudinal com 1.233 mulheres grávidas com objetivo de investigar a influência da exposição a níveis elevados de cortisol materno durante o período pré-natal, e se haveria diferença em função do sexo dos bebês nos escores totais dos TCUs, relataram uma correlação negativa significativa entre a exposição a maiores níveis de cortisol durante o pré-natal e menores escores no inventário *callous-nemotional*, somente em meninas. Ou seja, quanto maior a exposição ao cortisol materno durante o pré-natal menores os escores de TCUs e maiores respostas ansiosas, sugerindo que a concentração de cortisol no corpo da mãe durante a gravidez poder estar relacionada ao aumento das respostas de ansiedade em meninas. Em meninos, os níveis de cortisol materno não demonstraram uma correlação estatisticamente significativa com os escores totais de TCUs.

Os níveis de cortisol foram mensurados por meio de amostras de saliva coletadas na 32ª semana de gestação e no período imediatamente após o parto. Além disso, os dados sobre os comportamentos das crianças foram obtidos a partir de relatos das mães por meio do

2 O termo “sintomas internalizantes” se refere a características que não são observadas ou expressadas através de comportamentos “visíveis”, típico de embotamento, ansiedade e depressão, condições nas quais a pessoa não demonstra o sintoma ou apresenta sintomas negativos, ou voltados ao interno.

inventário de traços *callous-unemotional* aplicados quando os(as) filhos(as) tinham 2,5, 3,5 e 5 anos de idade.

Em média, mulheres e homens tendem a apresentar perfis afetivos/comportamentais distintos, com homens frequentemente com o perfil primário de comportamentos externalizantes e sintomas positivos, e mulheres frequentemente com o perfil secundário, com comportamentos internalizantes e sintomas negativos. A falta de pesquisas voltadas para as diferenças de gênero ainda é uma lacuna a ser preenchida, visto que a maioria das pesquisas têm como perfil principal adolescentes e jovens adultos, homens, clínicos ou institucionalizados, havendo poucos dados para a comparação direta de pesquisas sobre os TCUs em mulheres e na população geral, em especial no Brasil.

Talvez por falta de ânimo da ciência como um todo em pesquisas sobre mulheres, talvez pela complexidade da variável sexo/gênero e de que maneira essas variáveis influenciam na subjetividade e no aprendizado dos repertórios comportamentais de maneira distinta entre meninos e meninas. Ainda assim, é importante ter uma visão crítica sobre o porquê de homens, em média, apresentarem maiores escores de TCUs dentro da população geral e também institucionalizada, além do porquê os homens terem, em média, predominantemente o perfil de sintomas externalizantes e agressivo, e como isso pode estar relacionado com diferenças sociais de gênero mais do que diferenças genéticas em si (Fontaine, Rozéfort & Bégin, 2023).

***Callous-unemotional* e correlatos neurobiológicos**

Em uma pesquisa realizada por Moore et al. (2019) com 251 pares de gêmeos monozigóticos e 356 gêmeos dizigóticos com idades entre 9 e 20 anos com o objetivo de estudar possíveis associações entre as bases neurofisiológicas dos TCUs e o reconhecimento de emoções faciais mediada por fatores genéticos ou ambientais, relatou em seus resultados uma correlação negativa entre maiores escores de TCUs e menor reconhecimento de emoções

como medo e tristeza, com destaque para maiores escores nos subfatores de indiferença e insensibilidade e menor reconhecimento das expressões faciais. De acordo com os autores “as expressões de medo e tristeza servem de pistas sobre o sofrimento alheio, e indivíduos menos sensíveis a essas pistas são menos suscetíveis a sentimento de culpa e empatia” (Moore et al., 2019, p. 5).

Szabó et al. (2017) realizaram uma pesquisa com 25 adultos voluntários saudáveis de 21 a 37 anos, com o objetivo de investigar uma possível relação entre os TCUs, reconhecimento de expressões faciais e correlatos neurais durante medições de ressonância magnética funcional. Nos resultados, alinhado com a hipótese inicial da pesquisa, houve uma correlação entre maiores escores de TCUs e baixa atividade na região do córtex cingulado anterior quando o indivíduo era exposto a faces com expressões de medo. Alguns autores sugerem que essas reações atípicas ao estresse de terceiros vem, em alguns casos, da incapacidade de experienciar suas próprias respostas emocionais, sugerindo que as expressões de medo e tristeza não causam reações aversivas nestas pessoas quando comparado às pessoas sem escores significativos de TCUs (Blair, 2010; Viding & McCrory, 2012; Blair & Viding, 2008).

Pesquisas com ressonância magnética funcional identificaram uma menor ativação em regiões da amígdala, córtex pré-frontal ventromedial, córtex orbitofrontal e núcleo caudado, áreas e eixos cerebrais envolvidos, dentre outras funções, com o sistema de recompensas, autorregulação emocional e reações do tipo medo e ansiedade (Viding & McCrory, 2012). Sobre o sistema de recompensas, Verude et al. (2016), em uma pesquisa com 328 participantes, dos quais 185 eram meninos e 143 eram meninas com diagnósticos de Transtorno Opositor Desafiador, Transtorno de Conduta e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, verificaram uma correlação entre os maiores escores de TCUs e menor ativação no córtex pré-frontal medial e suas conexões com a amígdala durante tarefas de

antecipação de recompensas. O córtex pré-frontal é uma das áreas cerebrais relacionadas ao controle inibitório dos impulsos vindos do sistema límbico e talvez esta informação se relacione com o fato de a amostra conter somente pessoas com diagnósticos que têm como características centrais a impulsividade.

Em outra pesquisa feita com 600 pares de irmãos gêmeos, 230 pares monozigóticos, com idades entre 6 e 11 anos com o objetivo de investigar as variáveis de parentalidade e desenvolvimento dos TCUs, comparando a etiologia primária com a etiologia secundária baseada, Tomlinson et al. (2022) sugeriram que as influências hereditárias dos TCUs na amostra foram de moderadas a alta (54%) e as influências ambientais também (46%). Tomlinson et al. (2022) concluíram que o desenvolvimento dos traços *callous-unemotional* pode ser tanto hereditário quanto moldado no ambiente, mas que a parentalidade tem um papel muito importante como fator protetivo e também agravante nas manifestações na forma como os traços irão se desenvolver. Crianças com pais afetuosos desenvolviam padrões afetivo e comportamentais de proximidade emocional e empatia, já crianças com pais abusivos ou negligentes demonstraram tendência a maiores escores de TCUs.

Os resultados deste estudo podem ser contextualizados com o que foi investigado por Bowlby anos antes, sobre quais seriam os fatores de risco para o desenvolvimento de comportamento antissociais em crianças institucionalizadas, fazendo uma relação importante entre a ausência de afeto, o abandono parental na primeira infância (tanto materno quanto paterno) e as consequências psicológicas e comportamentais que estes fatores traziam para estas crianças.

Teoria do apego

A teoria do apego foi proposta pelo psicólogo e psiquiatra John Bowlby (1988) como a tendência ao desenvolvimento de vínculos afetivos provenientes das relações entre as crianças e suas figuras centrais de cuidado, possibilitando a sobrevivência da criança através

da proteção, da obtenção de recursos e do aprendizado de habilidades socioemocionais importantes para o desenvolvimento emocional saudável. O apego é definido como um sistema biopsicossocial e evolutivo de manutenção da sobrevivência e perpetuação da espécie através dos vínculos afetivos e dos cuidados, tanto parentais quanto de outros indivíduos da família ou da comunidade. Apesar de não ser um sistema exclusivo da nossa espécie, a cultura humana é uma variável que torna as dinâmicas de apego complexas e muito diferentes em suas formas de se manifestar.

Para a psicologia evolucionista, os estilos de apego são definidos como sistemas evoluídos de respostas adaptativas a ambientes e condições específicas da história de vida do sujeito, como padrões adaptativos que mudam a depender do tipo de vínculo estabelecido com as figuras centrais de cuidado (Ripardo, 2015). Os padrões de apego moldados ainda na infância criam representações mentais que influenciam nas dinâmicas de relacionamentos, inclusive amorosas na vida adulta, e estão relacionados com os padrões de recebidos, sendo estas figuras de cuidado responsivas às demandas psicobiológicas criança ou não (Bowlby, 2002).

Para Bowlby (1988), o estilo de apego que uma pessoa desenvolve é produto de como sua figura de cuidado a acolheu, protegeu e atendeu suas necessidades emocionais e biológicas na infância, principalmente em situações de vulnerabilidade e estresse, onde a resposta de cuidado tem um impacto muito grande na redução das emoções de medo e ansiedade em um estágio da vida onde a criança ainda não aprendeu a se autorregular. As figuras centrais de cuidado podem ser o pai, a mãe ou qualquer outra pessoa, com consanguinidade ou não, que cuide e proteja a criança quando ela precisa ou a qual a criança se direciona em situação de estresse e vulnerabilidade.

Estilos de apego

As primeiras classificações dos estilos de apego foram feitas pela psicóloga do

desenvolvimento Mary Ainsworth (1969), dando o nome de apego seguro, apego inseguro-ansioso e apego inseguro-evitativo para cada padrão observado no seu experimento chamado “Situação Estranha”. Alguns anos depois, Main e Solomon (1990) adicionaram um quarto estilo de apego chamado “apego desorganizado”. De acordo com Ainsworth (1978) 2/3 da população mundial de crianças têm o estilo de apego seguro. Apesar do nome, a ideia de que o “apego seguro” é o ideal recebe algumas críticas, pois universaliza as dinâmicas de cuidado e deixa de lado as diferentes expressões culturais e como os comportamentos podem ter significados diferentes ao redor do mundo (Keller, 2021).

O experimento da “situação estranha” consiste em observar em uma sala experimental a maneira como as crianças se comportam na ausência da figura de apego (nesse caso a mãe) quando ela se retira da sala e a criança é deixada sozinha com uma pessoa “estranha”. Após isso, a mãe retorna à sala e então o principal comportamento exibido pela criança acontece, que é a maneira como a criança reage ao retorno da mãe. Cada criança reage de uma maneira, chorando, rindo, buscando a proximidade com a mãe ou ignorando a sua presença quando esta retorna (Ainsworth, 1969). Em crianças com apego do tipo “seguro”, geralmente são observados comportamentos de estresse e ansiedade ao serem separadas da mãe, evitando a presença da pessoa estranha e demonstrando comportamentos de sorrisos, abraços e a busca de proximidade física com a mãe quando esta retorna à sala, acontecendo, em média, com 70% das crianças.

Em crianças com o estilo de apego do tipo inseguro-ansioso, há uma reação muito intensa de comportamentos de estresse e ansiedade no momento em que a mãe deixa a sala, seguido por afastamento físico da pessoa estranha e comportamentos de procura pela figura de apego (mãe), seguido de choro e comportamentos ambíguos, de aproximação da mãe e ao mesmo tempo a rejeição do contato físico quando ela retorna à sala. É exibido por uma média de 15% das crianças. No estilo de apego do tipo inseguro-evitativo, a criança não demonstra

comportamentos de estresse e ansiedade quando a mãe sai da sala, como se não tivesse percebido sua ausência, brincando com a pessoa estranha de maneira entretida e, quando a mãe retorna à sala, a criança ignora sua presença e nega o contato e a busca pela proximidade física com a mãe, um padrão observado em 15% das crianças do experimento (Ainsworth, 1978).

Segundo Ainsworth (1979), crianças com apego seguro percebem o mundo e suas relações como estáveis e, por isso, tendem a ter um senso de valor e autoestima também estáveis, como consequência da responsividade sensível das figuras de apego em atender suas necessidades. Crianças com apego inseguro-ansioso tendem a perceber o mundo como imprevisível, reflexo da responsividade instável da figura de apego às suas necessidades, às vezes atendendo-as e às vezes não, criando ansiedade e incerteza frente às situações de estresse e vulnerabilidade. No apego inseguro-evitativo, a criança tende a desenvolver sentimentos de indiferença e distanciamento como reflexo da ausência de responsividade da figura de apego às suas necessidades, criando um modelo de si e de mundo autocentrado e autossuficiente, como uma adaptação a ausência de cuidado em situações de estresse e como mecanismo de autorregulação voltado para si.

No tipo inseguro-ansioso, há tanto a busca pela proximidade quanto a ansiedade e o medo da rejeição. No tipo inseguro-evitativo, cria-se um modelo interno que representa a procura por intimidade como potencialmente nociva, aumentando uma ideia negativa e faltosa das relações e de si, gerando desconforto com a proximidade e independência da figura de apego (Conradi et al., 2016; Fraley, 2002). Estas representações mentais iniciam na infância e perduram até a idade adulta, porém, acontecimentos no decorrer da história de vida podem mudar estas representações centrais, como terapias e novas relações de apego, especialmente relações amorosas, têm a capacidade de ensinar novos padrões mais saudáveis e novas representações de si e de mundo.

Neurobiologia do sistema de apego

Na literatura sobre a neurobiologia do apego existem pesquisas que relatam associações entre os sistemas de apego e neurotransmissores como a ocitocina, cortisol, dopamina, regiões cerebrais como a amígdala, hipotálamo, córtex pré-frontal e até mesmo a influência de características fisiológicas maternas no desenvolvimento do bebê ainda no período pré-natal. A maturação do eixo HPA (Hipotálamo-Hipófise-Adrenal) do bebê, responsável pela regulação e liberação do cortisol ou “hormônio do estresse”, sofre influência dos níveis de cortisol da mãe durante a gestação, que em casos de níveis elevados de cortisol materno podem gerar uma sensibilidade do eixo HPA do bebê desde o nascimento (Naveed, Saboor, Zeshan, 2020). O sistema de apego é composto por outros sistemas vitais, a exemplo do sistema de exploração do ambiente, sistemas sociais e, em adultos, sistemas de cuidado parental e de busca por parceiros.

White et al. (2023) dizem não haver um único caminho neural ou local em uma região específica no cérebro chamada de “área do apego” responsável pela complexidade dos sistemas que o compõem. Como o próprio nome diz, o sistema de apego é formado de muitos outros componentes que funcionam ora juntos ora alternando entre si, a depender dos estímulos ambientais e dos contextos. Mais recentemente foi desenvolvido um modelo neuroanatômico do apego humano chamado de NAMA (*Neuro Anatomical Model of human Attachment*) e NAMDA (*Neuroanatomical Model of Developmental Attachment*), ambos apresentando os mesmo componentes, porém o NAMDA representar o modelo que leva em consideração os processos desenvolvimentais do apego e como ele é moldado pelas experiências subjetivas, principalmente na infância. Os quatro “módulos” correspondentes a estes sistemas do apego são o “módulo de aversão”, “módulo de aproximação”, “módulo da autorregulação emocional” e “módulo de representação dos estados mentais”.

Os sistemas de apego são “ativados” em situações de estresse, perigo ou

vulnerabilidade e têm relações diretas com o contexto no qual são evocados (Simpson et al., 2021). Neuromoduladores como a ocitocina e vasopressina têm papel central nas respostas de apego, tanto na infância quanto na vida adulta, sendo ambas estruturas originárias de uma molécula ancestral comum chamada vasotocina (Goodson & Kingsbury, 2013; Carter, 2017), com suas células de sintetização concentrada em regiões do cérebro como o hipotálamo, especificamente no núcleo paraventricular e núcleo supra-óptico, e conexões neurais diretas com a amígdala, estrutura relacionada a regulação e modulação emocional, além de respostas de medo e ansiedade (Carter, 2017).

Especificamente sobre a ocitocina, conhecida como “hormônio do amor” por estar associada às reações bioquímicas de estímulos sociais positivos e prazerosos, é um neurotransmissor que age diretamente no sistema parasimpático através dos receptores do tronco encefálico, e por isso é considerada um dos principais neuromoduladores de diminuição do estresse (Carter, 1998; Neumann & Slattery, 2016; Carter, 2017). Já a vasopressina, é um hormônio também relacionado ao vínculo social, mas possui diferenças sexuais na forma como é distribuída em áreas do cérebro. Em homens, ela interage com a testosterona na criação de vínculos afetivos duradouros dando maior força para as sensações de prazer e bem-estar em contextos românticos ou relações de cuidado e empatia, por isso é um hormônio associado a incitação da ativação comportamental ou da ação (De Vries & Forger, 2015; Carter, 2017).³

Deng et al. (2021) afirmam haver diferenças entre os padrões neurais de pessoas com altos níveis de apego ansioso e altos níveis de apego evitativo, principalmente nas atividades neurais em regiões relacionadas a emoção, cognição e memória. Em indivíduos com apego ansioso, houve uma correlação significativa com as atividades neurais do córtex posterior direito. Em indivíduos com apego evitativo, houve correlação positiva com a atividade neural

³ As informações foram retiradas de preprint de minha co-autoria e estão disponíveis em https://osf.io/preprints/psyarxiv/ajtmg_v1

do giro lingual bilateral e com o giro pós-central direito, além de uma correlação negativa com a atividade da região do córtex orbitofrontal bilateral e com o giro temporal inferior esquerdo, áreas relacionadas a mentalização ou representações mentais, retenção e recuperação de memórias, neste caso com ênfase nas experiências passadas de apego e também regulação emocional. Os autores também sugerem que níveis mais elevados de apego evitativo podem estar associados a uma disfunção na integração entre estas regiões cerebrais. DeWall et al. (2012) sobre as ativações neurais em contexto de rejeição social em indivíduos com estilo de apego ansioso e evitativo, relatou uma associação positiva entre o estilo de apego ansioso e ativações nas regiões do córtex cingulado anterior dorsal e na ínsula anterior. No apego evitativo, houve associação com menores atividades no córtex cingulado anterior dorsal e na ínsula bilateral. O autor chama este processo de supressão de reações de “escudo emocional” como forma de evitar rejeições sociais e “desativar” o sistema de apego.

O córtex cingulado anterior dorsal é localizado entre o córtex e o lobo límbico, muito relacionado às funções executivas e tem ligações com a amígdala, tronco encefálico, hipocampo e córtex orbitofrontal. A ínsula anterior possui, dentre outras regiões, conexões com o tronco encefálico e amígdala e é muito relacionada a mediação entre os sistemas fisiológicos e os estados mentais, inclusive recebendo informações de proprioceptores respiratórios periféricos. Schoett et al. (2023) em sua pesquisa com crianças, reportou uma associação entre o estilo de apego evitativo e menores atividades no córtex cingulado anterior, comparando o resultado de sua pesquisa com o que foi relatado por Troisi et al. (2010) em um estudo semelhante, porém com adultos, no qual sugere haver estabilidade nas regiões correlatas aos sistemas de proximidade, de detecção de ameaças e de representações mentais, ou seja, há áreas de ativação cerebral semelhantes tanto na infância quanto na idade adulta, sugerindo um grau de estabilidade entre as fases da vida. Estes três sistemas de proximidade, detecção de ameaças e representações mentais estão em consonância com o

modelo neuroanatômico proposto por White et al. (2023) (NAMA e NAMDA), reforçando a hipótese de que o sistema de apego é um conjunto de outros sistemas funcionando em sincronia e alternância a depender do contexto.

Críticas a teoria clássica do apego

Apesar de muito embasada em pesquisas empíricas, a teoria do apego também é criticada em alguns pontos, dentre eles, sobre como o sistema de apego pode, na verdade, ser um reflexo das características específicas da cultura, do contexto histórico e das condições experimentais na qual a teoria foi primeiramente pensada e desenvolvida. A autora Heidi Keller (2022) traz reflexões sobre a teoria do apego não retratar um fenômeno humano universal como se propõe, e sim um conjunto de comportamentos, modelos afetivos e crenças que mudam de acordo com contexto cultural no qual está inserido, principalmente no contexto da família nuclear tradicional da classe média ocidental na qual foi pensada (Keller, 2022).

Além do mais, a ideia de que a figura central de apego é inerente ao lugar da mãe pode, na verdade, ser fundada por papéis de gênero típicos de culturas ocidentais, especificamente da classe média pós guerra, no qual a ideia de ser mulher está atrelada principalmente à função de cuidado, tanto no meio familiar quanto na sociedade em geral, limitada à criação e educação dos filhos. Em contrapartida, a ausência do pai se justifica como uma falta de “naturalidade” para este lugar, reforçando papéis estereotipados de gêneros (Keller, 2022). Pesquisas com etnias indígenas, comunidades asiáticas e também comunidades porto-riquenhas trazem para as academias discussões sobre como outros membros dos grupos familiares e da comunidade geral também podem ser consideradas figuras centrais de cuidado às crianças, e não somente os pais e mães biológicos. Isso inclui a relação das crianças até mesmo com outras crianças, formando vínculos de apego tão importantes quanto o que se entende como “apegos centrais”. A ideia principal é evidenciar

que, apesar de existir a dinâmica das figuras centrais de apego nas famílias observadas, ela não abrange a complexidade de outras culturas de diferentes partes do mundo, portanto, a ideia de universalidade da teoria do apego clássica precisa ser vista com o devido cuidado considerando cada contexto cultural (Keller, 2022).

Como resposta às críticas que o experimento da situação estranha sofreu, por ter sido pensado a partir de observações de um grupo nichado de pessoas brancas de classe média da cidade de Baltimore durante a década de 70, Ainsworth et al. (1978) reproduziram seu experimento na Uganda com o objetivo de diversificar sua amostra. A partir desta nova observação relataram que as crianças em Uganda, quando separadas das mães, exibiam mais reações semelhantes a comportamentos de estresse e ansiedade quando comparadas às crianças de Baltimore. Ainsworth et al. (1978) concluíram que, de fato, existem outros tipos de reações dentro do experimento da situação estranha diferentes daquelas que foram observadas em Baltimore, refutando a ideia inicial sobre a universalidade do apego e suas classificações (Keller, 2022).

Além das diferenças entre as dinâmicas de apego, há diferenças também nas interpretações dos comportamentos observado, como por exemplo, não chorar em resposta a ausência da mãe pode ser interpretado como falta de emoção dentro dos modelos ocidentais, mas em famílias orientais essa ausência da resposta de choro não tem o mesmo significado. Por isso, a necessidade de compreender a função e o significado de um comportamento contextualizando-o culturalmente (Keller, 2022). Apesar das críticas, a teoria do apego ainda é muito robusta e muito utilizada para compreender o comportamento humano, e não humano, e suas relações, especialmente por estar relacionada diretamente a outros sistemas inerentes à espécie humanas, como exemplo do sistema de exploração do ambiente, sistema de proteção contra ameaças e, na vida adulta, aos comportamentos de procura de parceiros, reprodução e sistema de cuidado parental (Simpson et al., 2020).

Influência do Apego no Desenvolvimento

Quando não há estabilidade no cuidado parental e nas respostas das figuras de apego às necessidades da criança em situações de estresse e vulnerabilidade ao longo dos anos, vão sendo construídas representações emocionais de insegurança frente ao mundo e uma consequente incapacidade de explorar o ambiente ao redor, interferindo na autonomia e no aprendizado de habilidades sociemocionais desenvolvidas através de novas experiências. O comportamento de exploração do ambiente é, também, um dos sistemas que constituem o sistema de apego, e este sistema de exploração só é “ativado” quando o sistema de proteção contra ameaças está desativado, ou seja, a criança só se sente livre para explorar o ambiente ao seu redor quando está segura e estável (Ripardo, 2015; Simpson et al., 2020).

Segundo Bowlby, no “*Separation Anxiety Test*”, a maioria das mães que cometiam violências e abusos contra seus filhos também eram extremamente sensíveis a separações, com altos níveis de ansiedade ou sentimentos de raiva” (Bowlby, 1988, p. 85). Em uma pesquisa de Baldwin (1977), com 38 crianças vítimas de abusos físicos severos, 2/5 dos pais relataram também terem sofrido abusos físicos na infância e mais da metade também relatou ter sofrido abusos psicológicos severos.

Bowlby (1944) em seu livro “*Forty-Four Juvenile Thieves*”, escrito com base em observações e estudos feitos em uma instituição para crianças e adolescentes em conflitos com a lei, definiu o que considerou como os cinco fatores centrais que influenciam no surgimento de comportamentos desviantes das normas e de adoecimento mental, como a ausência de empatia e afetuosidade. Os cinco fatores são (1) a influência de predisposições genéticas, (2) a separação prolongada da mãe na primeira infância, (3) os efeitos da ambivalência, da hostilidade e da ansiedade materna na primeira infância, (4) os efeitos da ausência ou negação afetiva do pai na infância (5) e os eventos traumáticos.

Dentre os fatores principais, a influência das pré-disposições genéticas, da separação

prolongada na primeira infância e a ambivalência e hostilidade materna foram classificados como os fatores de risco mais relatados entre as crianças institucionalizadas, em 40% a 50% dos casos. Para as crianças com ausência de traços afetivos e com menor empatia, Bowlby observou que havia muito frequentemente associações com a separação prolongada na primeira infância.

Hansen et al. (2011), em uma pesquisa sobre a relação entre estilos de apego, traços de personalidade e comportamentos antissociais com 92 homens institucionalizados no presídio de Bergen - Noruega, autores de crimes de várias naturezas e com idades de 18 a 68 anos, relataram que o apego ansioso foi positivamente correlacionado a violência entre pessoas com relacionamentos íntimos. Dentro dessa amostra de contexto prisional, houve uma maior incidência de apego evitativo quando comparado ao apego ansioso. Sobre os traços de personalidade, a agradabilidade demonstrou ser uma variável importante na redução das tendências a comportamentos violentos e antissociais. A idade também foi uma variável protetiva importante, sugerindo que com o passar dos anos os comportamentos antissociais tendem a diminuir por conta do aumento do controle de impulsos e aprendizado de novos repertórios comportamentais.

A pesquisa, apesar de relevante, foi realizada com uma amostra relativamente pequena e dentro de um presídio, havendo um viés de comportamentos antissociais prévios, além de não considerar as variáveis de gênero pois participaram somente homens. Todavia, este estudo abre caminho para a discussão de que há fatores agravantes para comportamentos antissociais mas também fatores atenuantes ou protetivos, que podem ser trabalhados com o objetivo de promover aprendizados de habilidades socioemocionais e comportamentais saudáveis através de intervenções focadas nas potencialidades subjetivas.

Posto isso, ainda há lacunas nas pesquisas científicas sobre como manejar de maneira humanizada e eficaz as tendências a comportamentos antissociais e como intervir de

maneira efetiva e preventiva para que essas tendências não se tornem comportamentos violentos no futuro. O construto *callous-unemotional* ainda é um termo relativamente novo, principalmente na América Latina, no Brasil e mais ainda no norte do país. Por isso, investigações cientificamente criteriosas que promovam o entendimento sobre este fenômeno, quais as formas certas de manejo e como evitar o agravamento dessas características, são cruciais, pois mesmo que estes traços de insensibilidade e afetividade restrita não sejam uma psicopatologia em si, eles podem ser preditores de comportamentos nocivos para o indivíduo e para a sociedade. Além disso, é necessário entendê-lo a partir da história de vida para compreender sua função e origem de acordo com cada cultura na qual a pessoa está inserida bem como a função destes traços na vida da pessoa.

Além disso, é importante diversificar as amostras nas pesquisas para a construção de uma compreensão mais aprofundada e complexa dos traços de insensibilidade, e de que forma a qualidade dos primeiros vínculos podem afetar o desenvolvimento ou agravamento destes traços. Ademais, compreender o funcionamento do sujeito no presente momento, tomando como ponto de partida sua história de vida, pode ser a maneira mais fidedigna de entender suas motivações e padrões comportamentais. Com esse intuito surge a pergunta de pesquisa deste trabalho, com delineamento transversal e correlacional, cujo diferencial está na coleta de dados de uma amostra populacional não institucionalizada no Brasil, sendo 90% jovens estudantes do estado do Pará e, dentre estes, 137 mulheres e 72 homens. Até o momento desta pesquisa, não houve nenhum trabalho científico no Brasil que buscasse investigar sobre os Traços de Insensibilidade e Afetividade Restrita relacionado com os estilos de apego.

Metodologia

Objetivo Geral

Identificar e analisar possíveis correlações entre os Traços de Insensibilidade e afetividade restrita (traços *callous-unemotional*) e o estilo de apego em jovens adultos no Brasil.

Objetivos específicos

Avaliar os escores do traço de insensibilidade e afetividade restrita; Avaliar os estilos de apego; Analisar possíveis associações entre os escores do traço de insensibilidade e afetividade restrita e os estilos de apego.

Participantes

Como critérios de inclusão foram aceitos jovens que tiveram acesso à internet, na faixa etária entre 18 anos e 21 anos, que consentiram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitaram responder aos questionários. A captação de participantes foi feita através da divulgação de colagem de panfleto com a chamada para a pesquisa e abordagem a estudantes dentro do *campi* da Universidade Federal do Pará e Universidade da Amazônia (unidade Alcindo Cacela), além de divulgação online nas redes sociais do link de acesso à pesquisa. A coleta foi realizada através da plataforma Google Forms® e foram utilizados três instrumentos, o Questionário Sociodemográfico e de História de Vida, a Escala de Relacionamento Adulto e Inventário de Traços de Insensibilidade e Afetividade Restrita.

Considerações Éticas

A participação na pesquisa, aceita pelo Comitê de Ética e Pesquisa CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética) número 86341725.6.0000.5172, foi consentida previamente pelo participante através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, contendo todas as informações pertinentes ao procedimento da pesquisa e seus objetivos, além da explicação sobre a garantia do anonimato dos participantes através da omissão de nomes e informações pessoais, garantindo a integridade e o respeito à imagem.

Além disso, uma breve explicação antes de iniciar a coleta sobre o caráter não psicopatológico do construto *callous-unemotional* a fim de evitar qualquer tipo de estigmatização ou patologização dos participantes, por se tratar de um fenômeno presente na população geral e que existe, também, em um contínuo de normalidade de traços de personalidade. Em caso de desconforto decorrente das respostas aos instrumentos, o participante teve direito a receber assistência psicológica de forma gratuita, online ou presencial. Em caso de solicitação de assistência de forma online, o participante pôde entrar em contato com a equipe através do email da pesquisadora. Em caso de acolhimento presencial, seria previamente agendado um dia e horário na Universidade Federal do Pará, Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento.

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico e de História de Vida

Questionário formulado pela própria pesquisadora, contendo 13 perguntas de caracterização da amostra e eventos sobre o histórico de vida. A primeira parte continha perguntas sobre idade, gênero, local de residência, com quem reside, escolaridade e ocupação. A segunda parte perguntas relacionadas a história de vida, como histórico de violências ou conflitos no ambiente familiar, ambiente escolar, histórico de institucionalização, conflitos com a lei, se já foi vítima ou já praticou algum tipo de agressão de natureza verbal, física, psicológica ou sexual. As respostas poderiam ser mais de uma opção dentre as citadas.

Escala de Relacionamento Adulto

Para os estilos de apego, foi utilizado o Escala de Relacionamento Adulto (RAAS) com o objetivo de analisar os relacionamentos próximos, mas não relacionamentos românticos. Composto por 18 itens de autorrelato do tipo Likert de 5 pontos que vão de “não tem nada a ver comigo” a “tem tudo a ver comigo”. As perguntas do questionário são subdivididas em três fatores de ansiedade, dependência e proximidade com cada fator

contendo seis itens de respostas. A categorização dos estilo de apego é construída partir do cálculo da média dos três fatores, posteriormente somadas as médias de dependência e proximidade resultando em um terceiro valor que será analisado em conjunto com a média de ansiedade. Após calcular as pontuações, com valores de corte abaixo e acima de 3, o resultado classifica cada indivíduo e seu estilo de apego principal (Ripardo, Ferreira & Howat-Rodrigues, 2019).

Inventário de Insensibilidade e Afetividade Restrita (ICU)

Para avaliar os traços de insensibilidade e afetividade restrita e seus subfatores de insensibilidade, indiferença e inexpressão foi utilizado o Inventário de Traços de Insensibilidade e Afetividade Restrita (Rigatti, 2017) composto por 24 itens em escala tipo likert de 4 pontos com itens como 0 = “não é verdade”, 1 = “é um pouco verdade”, 2 = “é muito verdade” e 4 = “é totalmente verdade”. A contagem dos escores gerais é feita de maneira crescentes, ou seja, quanto maiores os escores mais fortes os traços. Os itens 1, 3, 5, 8, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 23 e 24 são calculados com os escores invertidos. Os resultados podem ser interpretados tanto utilizando as pontuações dos escores gerais quanto os escores de cada subfator isoladamente.

Análise dos Dados

O cálculo amostral foi realizado através do software G*Power, considerando um poder de 95%, alfa de 0,05 e tamanho de efeito moderado ($d=0,35$) (Cardinale & Marsh, 2017) com número de grupos em 5, indicando a necessidade de 160 participantes utilizando o modelo estatístico ANOVA one-way. Na amostra coletada, verificou-se através do teste de Shapiro-Wilk que os dados não apresentam uma distribuição normal nos escores totais dos traços *callous-unemotional* ($p<,001$) e também isoladamente nos subfatores de insensibilidade ($p<,001$), indiferença ($p <,001$) e inexpressão ($p <,001$).

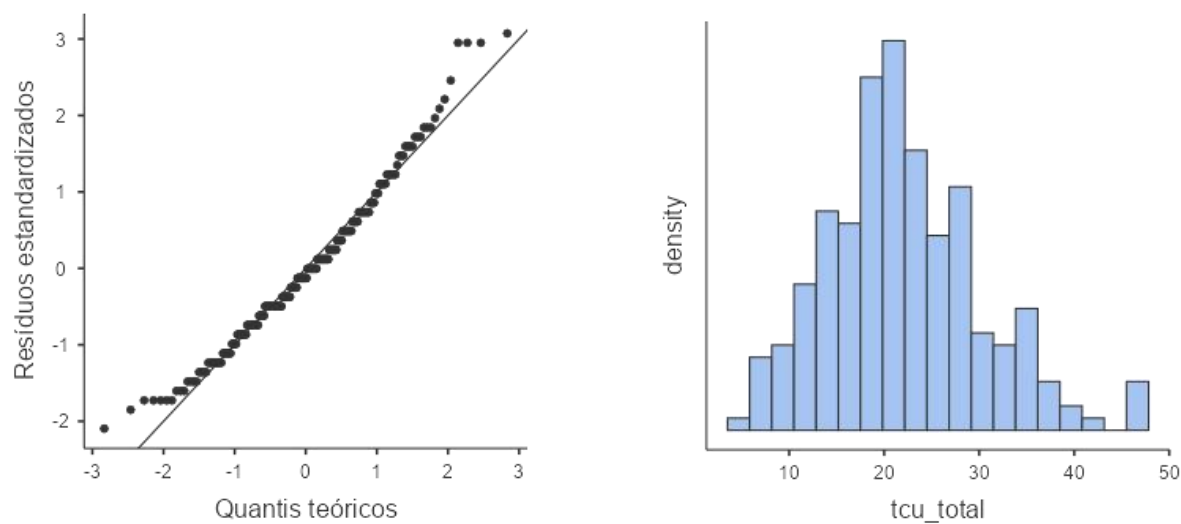
Para representar os resultados, optou-se por utilizar o gráfico de resíduos ou gráfico

Q-Q (Quantil-Quantil) que demonstra através de dois eixos de referências como os dados se comportam dentro da amostra coletada. Além do gráfico Q-Q, o histograma dos dados foi utilizado para possibilita melhor visualização da distribuição da amostra dos traços gerais de insensibilidade e efetividade restrita e seus subfatores individualmente.

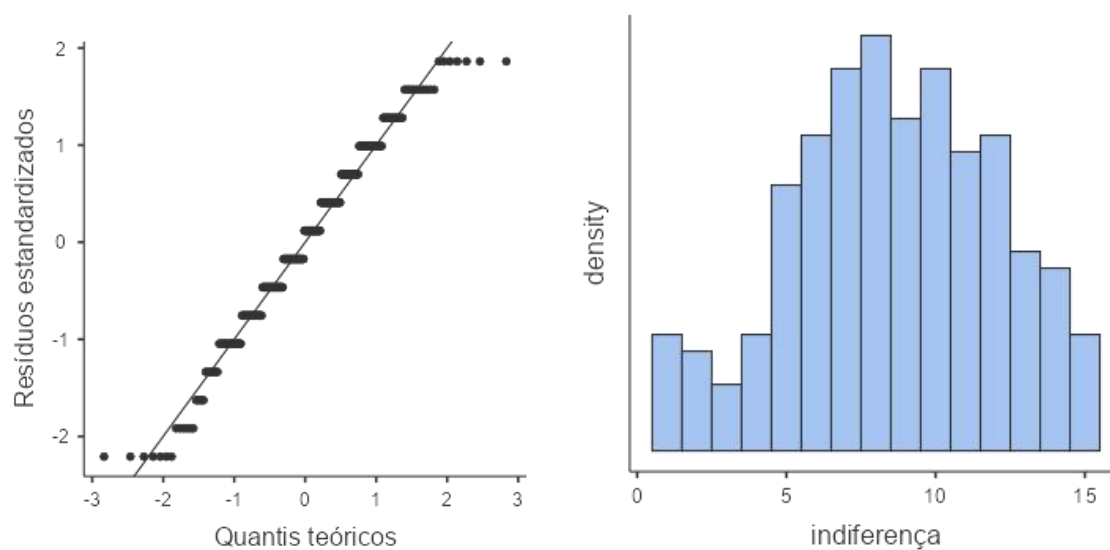
Figura 1

Gráficos de resíduos (Q-Q Plot) e histograma dos traços gerais e dos subfatores

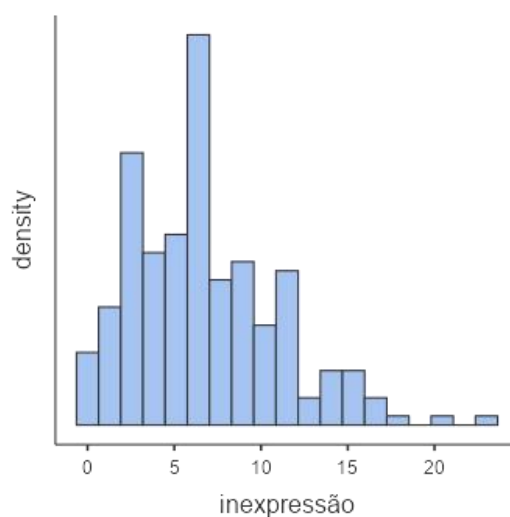
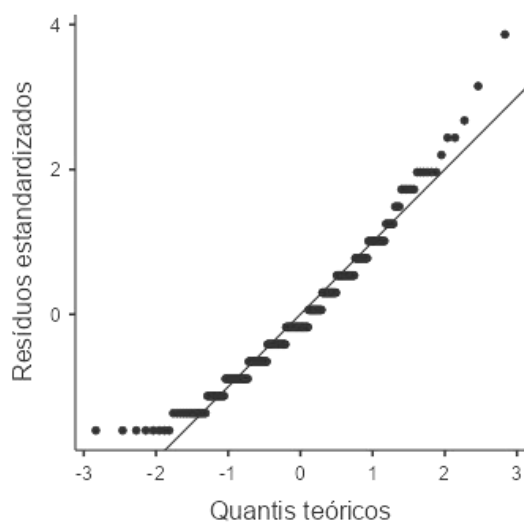
A) Traços callous-unemotional gerais



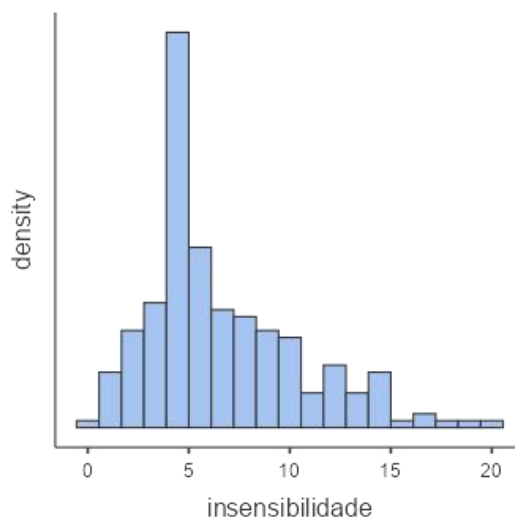
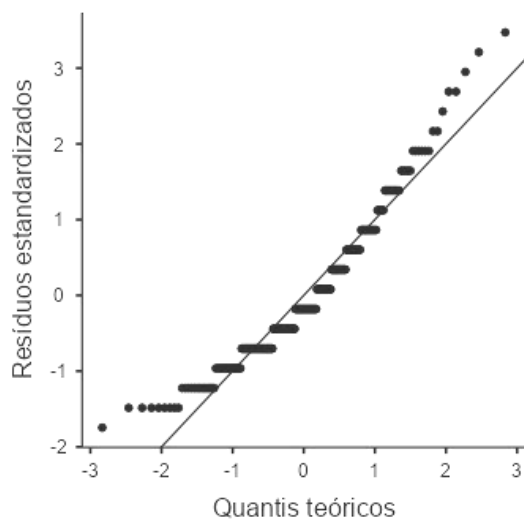
B) Subfator de indiferença



C) Subfator de inexpressão



D) Subfator de insensibilidade



Por não apresentarem distribuição normal, foi utilizado o teste de Kruskal-Wallis realizado através do software estatístico JAMOVÍ versão 2.6 (The jamovi project, 2025), seguido do teste post-hoc de Dwass-Steel-Critchlow-Fligner (DSCF). O teste post-hoc DSCF é um teste pós análise que divide os grupos em pares e faz comparações entre duplas da variável dependente. Ele realiza a comparação através das médias e medianas de todos os

pares de grupos e protege contra o erro do tipo 1 (Honório, 2022).

O teste de Kruskal-Wallis é o equivalente não paramétrico do teste de análise de variância (ANOVA) de uma via, e permite comparar a distribuição de três ou mais grupos de amostras independentes, sem distribuição normal e com variável dependente contínua ou ordinal, sendo a hipótese nula rejeitada com valor de $p < \alpha$ (em geral 0,05) e favorecida se o valor de $p > 0,05$. Além disso, foi realizada análise descritiva da amostra com média e desvio-padrão. Do número total de respostas ao questionário, foram excluídos 5 participantes por serem respostas de testes da pesquisa e 5 participantes por não responderem de forma concisa às perguntas do questionário, resultando em uma amostra final de 217 participantes.

Resultados

Análise descritiva

Dos 217 participantes da pesquisa com idades entre 18 e 21 anos ($M=19,7; DP=1,07$) de 12 estados brasileiros, 137 eram mulheres (136 cis e 1 trans), 72 homens (71 cis e 1 trans), 4 identificados como “outros gêneros” e 4 não responderam de forma concisa. Sobre o nível de escolaridade, 2,7% possui ensino superior completo, 46% possui o ensino superior incompleto, 40,3% ensino médio completo, 5,3% ensino médio incompleto, 4,0% possui curso técnico e 1,8% possui ensino fundamental completo. Sobre as ocupações, 51,8% somente estuda, 38,1% trabalha e estuda, 7,5% somente trabalha e 2,7% não trabalha e não estuda. Sobre com quem residem, 65,9% reside com a família nuclear, 15% reside com a família extensa, 15% reside sozinho(a) e 4% reside com colegas/amigos.

Sobre o questionário de história de vida, 39,2% dos participantes relataram nunca ter vivenciado conflitos e agressões verbais, físicas, psicológicas ou sexuais no meio familiar, enquanto 24,5% relataram ter vivenciado pelo menos um tipo de agressão dentre as citadas, 16,6% relataram ter vivenciado ao menos dois tipos de agressões, 16,6% relataram ter vivenciado pelo menos três tipos de agressões e 2,7% relataram ter vivenciado ao menos

quatro tipos de agressões no meio familiar.

Sobre violências vivenciadas em ambiente escolar, 42,3% relataram nunca terem vivenciado conflitos ou agressões no ambiente escolar, 27,9% relataram ter vivenciado ao menos um tipo de agressão no ambiente escolar, 19,5% relataram ter vivenciado ao menos dois tipos de agressões, 8,3% relataram ter vivenciado ao menos três tipos de agressões e 1,8% relataram ter vivenciado ao menos quatro tipos de agressões.

Do participantes da pesquisa, 95,4% relataram nunca terem sido detidos ou tido conflitos com autoridades policiais e 4,6% já tiveram conflitos ou foram detidos. 98,6% nunca foram levados ao Centro de Atendimento de Medidas Socioeducativas (CASE) e 0,9% já foram levados ao CASE. 96,3% nunca foram levados ao Conselho Tutelar enquanto 3,7% já foram levados ao conselho tutelar.

Sobre já ter sido vítima de violência verbal, física, psicológica ou sexual em outros contextos da história de vida, 30,9% relataram nunca terem sido vítimas de nenhum tipo das violências citadas enquanto 25,3% relataram ter sido vítima de pelo menos um tipo de violência, 18,8% relataram ter sido vítima de pelo menos dois tipos de violência, 16,5% relataram ter sido vítima de pelo menos três tipos de violência e 8,2% relataram ter sido vítima de pelo menos quatro tipos de violência.

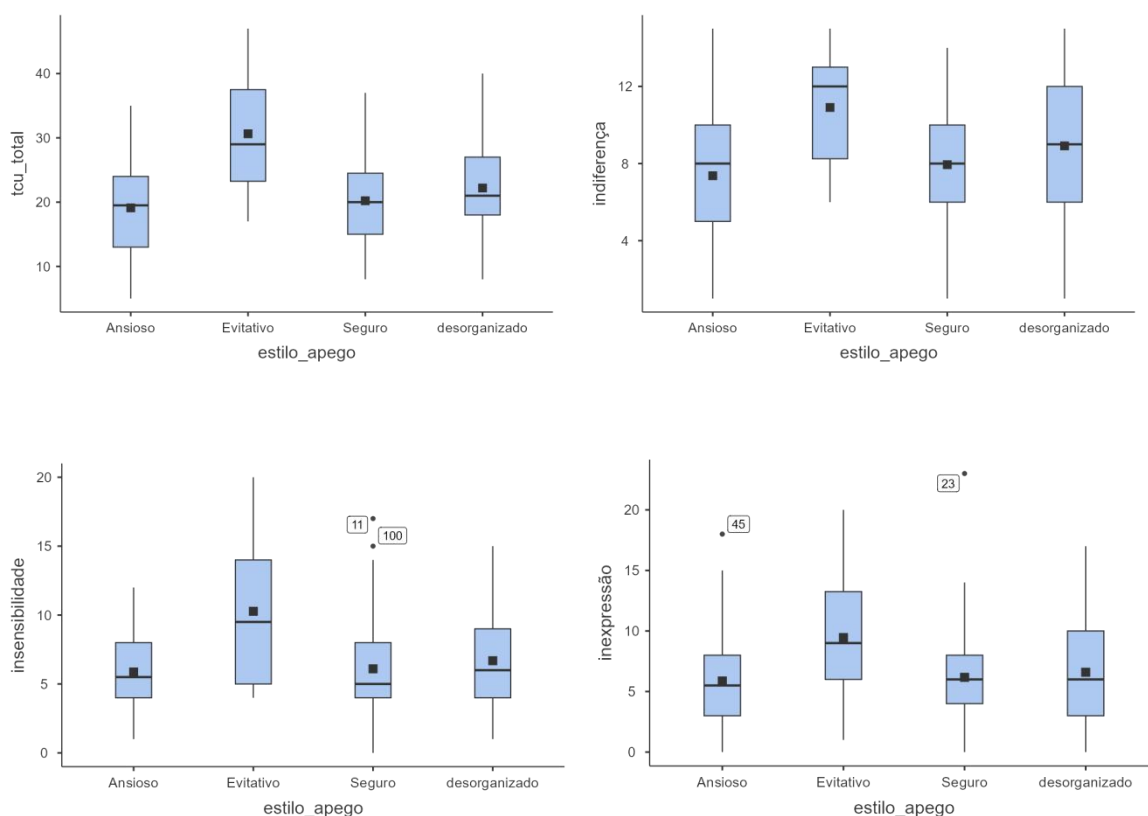
Sobre já ter praticado algum tipo de violência verbal, física, psicológica ou sexual, 52,1% dos participantes relataram nunca ter praticado nenhum tipo de violência, 30,5% relataram já ter praticado ao menos um tipo de violência, 12% relataram já ter praticado ao menos dois tipos de violência, 4,1% relataram ter praticado ao menos três tipos de violência e 0,9% relataram já ter praticado ao menos quatro tipos de violência.

Sobre a amostra coletada, a partir dos gráficos Boxplots abaixo é possível verificar que o estilo de apego evitativo apresenta a maior média entre os estilos de apegos sobre os escores dos TCUs gerais e também nos três subfatores de indiferença, inexpressão e

insensibilidade.

Figura 2

Boxplots dos escores dos TCUs gerais e de cada subfator entre os estilos de apego.



Nota. A caixa preta ao centro dos quadrados representa as médias.

Teste de Kruskal-Wallis

Verificou-se que os escores gerais dos traços de insensibilidade e afetividade restrita foram de $p < ,001$ entre os estilos de apego, indicando haver diferença estatisticamente significativa na amostra coletada. Dentre as análises isoladas de cada subfator, foram verificados valores estatisticamente significativos entre os três subfatores ($p < 0,05$), mas somente o subfator de “indiferença” demonstrou um valor estatisticamente significativo de $p < 0,001$ entre os estilos de apego.

Tabela 1

Teste de Kuskal-Wallis dos traços gerais de callous-unemotional e de cada subfator entre os estilos de apego.

	χ^2	gl	p	ε^2
TCUs Gerais	23,7	3	<,001*	0,1199
Indiferença	17,4	3	<,001*	0,0879
Inexpressão	10,6	3	0,014*	0,0533
Insensibilidade	13,0	3	0,005*	0,0656

Nota. O valor de $p < 0,05$ indica um valor estatisticamente significativo.*

Os valores do teste sugerem haver diferenças significativas entre dos escores gerais dos traços e de seus subfatores entre os grupos de estilos de apego, sendo os escores gerais dos traços de insensibilidade com valores de $\chi^2 (3) = 23,7$, $p < ,001$ e tamanho de efeito $\varepsilon^2 = 0,1199$; Indiferença com $\chi^2 (3) = 17,4$, $p < ,001$ e $\varepsilon^2 = 0,0879$; Inexpressão com $\chi^2 (3) = 10,6$, $p < 0,05$ (0,014), $\varepsilon^2 = 0,0533$; Insensibilidade $\chi^2 (3) = 13,0$, $p < 0,05$ (0,005), $\varepsilon^2 = 0,0656$. Todos os efeitos reportados podem ser interpretados como de tamanho moderado. Para saber entre quais grupos estão as maiores diferenças entre medianas foi utilizado o teste Post-Hoc Dwass-Steel de análise entre pares, representado na tabela 2 abaixo.

Tabela 2

Teste Post-Hoc de Dwass-Steel dos traços gerais callous-unemotional e cada sub-fator entre os pares de estilo de apego.

A) Comparações múltiplas - TCUs Gerais

		W	p
Ansioso	Evitativo	6,061	<,001*
Ansioso	Seguro	0,803	,942
Ansioso	Desorganizado	2,506	,287
Evitativo	Seguro	-6,252	<,001*
Evitativo	Desorganizado	-5,022	,002*
Seguro	Desorganizado	1,889	,540

B) Comparações múltiplas - Indiferença

		W	p
Ansioso	Evitativo	4,88	,003*
Ansioso	Seguro	1,38	,765
Ansioso	Desorganizado	2,93	,163
Evitativo	Seguro	-5,18	,001*
Evitativo	Desorganizado	-3,33	,086
Seguro	Desorganizado	2,45	,309

C) Comparações múltiplas - Inexpressão

		W	p
Ansioso	Evitativo	4,318	,012*
Ansioso	Seguro	0,967	,903
Ansioso	Desorganizado	1,255	,812
Evitativo	Seguro	-4,163	,017*
Evitativo	Desorganizado	-3,453	,070
Seguro	Desorganizado	0,638	,969

D) Comparações múltiplas - Insensibilidade

		W	p
Ansioso	Evitativo	4,593	,006*
Ansioso	Seguro	-0,161	,999
Ansioso	Desorganizado	1,372	,767
Evitativo	Seguro	-4,756	,004*
Evitativo	Desorganizado	-3,726	,042
Seguro	Desorganizado	1,439	,739

Nota: valor de $p < 0,05$ é considerado estatisticamente significativo.

Na tabela 6A referente aos escores gerais dos traços, verifica-se uma diferença estatisticamente significativa entre os estilos de apego ansioso e evitativo ($p < ,001$), apego evitativo e seguro ($p < ,001$) e apego evitativo e desorganizado ($p = ,002$). Na tabela 6B

referente ao subfator de indiferença, verifica-se um valor estatisticamente significativo entre os estilos de apego ansioso e evitativo ($p=,003$) e entre os estilos de apego evitativo e seguro ($p=,001$).

Na tabela 6C referente ao subfator de inexpressão, verificou-se um valor estatisticamente significativo entre os estilos de apego ansioso e evitativo ($p=,012$) e entre os estilos de apego evitativo e seguro ($p=0,17$). Por último, na tabela 6D referente ao subfator de insensibilidade, os resultados demonstram um valor significativo entre os estilos de apego ansioso e evitativo ($p=,006$) e evitativo e seguro ($p=,004$). Dentre as quatro análises, os menores valores de p estão entre os escores gerais dos TCUs e o subfator de indiferença, ambos com valor de $p<0,001$ entre os estilos de apego evitativo e seguro.

Traços *callous-unemotional* e gênero

Por haver um número menor de pesquisas que investigam a variável gênero, principalmente menos pesquisas com mulheres em comparação a pesquisas com homens, foi realizada a análise entre as variáveis gênero e os escores gerais dos traços de insensibilidade e seus subfatores. O teste de Kruskal-Wallis não apresentou uma diferença estatisticamente significativa dos traços gerais de insensibilidade entre os grupos de gênero da coletados na amostra ($p=0,290$) nem valores estatisticamente significativos nos subfatores de indiferença ($p=0,087$), inexpressão ($p=0,681$) e insensibilidade ($p=,60$). O valores do teste são demonstrados na tabela 7 abaixo.

Tabela 3

Teste de Kruskal-Wallis dos traços callous-unemotional gerais e dos subfatores entre os grupos de gênero.

	χ^2	gl	p	ε^2
TCUS Gerais	8,50	7	,290	0,0394
Indiferença	12,43	7	,087	0,0575

	χ^2	gl	p	ε^2
Inexpressão	4,83	7	,681	0,0223
Insensibilidade	13,55	7	,060	0,0627

Nota. Valor de $p < 0,05$ indica uma diferença estatisticamente significativa.

Traços *callous-unemotional* e historia de vida

Visto que a pesquisa leva em consideração as variáveis de história de vida, considerou-se importante verificar se há associação entre os traços de insensibilidade entre os grupos de respostas sobre comportamentos agressivos prévios. Foi utilizado o teste de Kruskal-Wallis e a análise foi dividida entre pessoas que relataram (1) “nunca ter praticado agressões” (verbais, físicas, psicológicas ou sexuais), (2) praticaram ao menos um tipo de agressão, (3) ao menos dois tipos de agressões, (4) ao menos três tipos de agressões e (4) ao menos quatro tipos de agressões, totalizando cinco grupos. Os resultados estão descritos na Tabela 4 abaixo.

Tabela 4

Teste de Kruskal-Wallis dos escores gerais dos TCUs e dos subfatores entre os grupos que praticaram algum tipo de violência.

	χ^2	gl	p	ε^2
TCUs Gerais	17.73	8	,023*	0.0821
Indiferença	8.10	8	,424	0.0375
Inexpressão	17.24	8	,028*	0.0798
Insensibilidade	24.76	8	,002*	0.1146

Nota. valor de $p < 0,05$ indica diferença estatisticamente significativa.

O teste de Kruskal-Wallis indicou haver uma diferença estatisticamente significativa ($p < 0,05$) entre os escores gerais dos TCUs ($p = 0,023$), nos subfatores de inexpressão ($p = 0,028$) e insensibilidade ($p = 0,002$). O resultado não demonstrou valor significativo no subfator de indiferença ($p = 0,424$). Posteriormente, na análise post-hoc DSCF, foi verificado que nos escores gerais dos TCUs o menor valor de p encontra-se na comparação entre o grupo que relatou “nunca ter praticado nenhum tipo de agressão” comparado ao grupo que relatou ter praticado “ao menos um tipo de agressão”, com valor de $p = 0,082$.

No subfator de inexpressão, o menor valor de p foi de $p = 0,061$ entre o grupo que relatou “nunca ter praticado agressão” em comparação ao grupo que praticou “ao menos três tipos de agressões”. No subfator de insensibilidade, o menor valor de p demonstrou uma diferença estatisticamente significativa na comparação entre o grupo “nunca praticou agressão” comparado ao grupo relatou ter cometido “ao menos três tipos de agressões”, com $p = 0,019$.

Os resultados sugerem que entre os escores gerais e os subfatores, somente o subfator de insensibilidade apresentou uma diferença significativa entre pessoas que relatam nunca ter cometido nem um tipo de violência comparadas àquelas que já cometeram ao menos três tipos de violências (verbal, física e psicológica).

Discussão

O objetivo da pesquisa foi investigar se há associação entre os escores dos Traços de Insensibilidade e Afetividade Restrita (traços *callous-unemotional*) e os estilos de apego em jovens adultos no norte do Brasil. Baseando-se na literatura prévia, foi hipotetizado que existiria uma associação entre maiores escores dos traços *callous-unemotional* (TCUs) e o estilo de apego evitativo, pela natureza emocionalmente distante e autocentrada de ambos os construtos. Também foram consideradas como variáveis importantes na pesquisa a história de vida, especificamente comportamentos agressivos prévios e gênero. Por se tratar de uma

amostra de estudantes de 18 a 21 anos da população geral, era esperado que os escores dos traços de insensibilidade e afetividade restrita não apresentassem níveis subclínicos/clínicos e estivessem no nível de escores de normalidade para a população geral.

Os resultados não demonstram valores estatisticamente significativos dos TCUS entre as variáveis de gênero. Sobre a variável gênero, os resultados diferem do que foi relatado por pesquisas anteriores, que descrevem associações entre os TCUs e as formas distintas de expressão comportamental em cada grupo, com mulheres frequentemente apresentando mais comportamentos internalizantes e homens apresentando comportamentos externalizantes (Wright et al., 2019; Fontaine et al., 2019; Craig & Moretti, 2018; Fontaine, Rozéfort & Bégin, 2023; Raschle et al., 2018). Pesquisas anteriores associam o aumento da idade como um fator protetivo dos TCUs, porém a presente pesquisa não se debruçou em investigar a variável idade considerando ser necessário um intervalo maior do que apenas quatro anos para identificar mudanças significativas na expressão dos TCUs ao longos das faixas etárias.

Foram observadas associações entre os escores gerais dos TCUs e os subfatores de insensibilidade, indiferença e inexpressão entre o estilo de apego evitativo, sendo as maiores medianas observadas nos escores gerais dos TCUs e no subfator de indiferença. Este resultado alinha-se com a hipótese inicial da pesquisa de que haveria uma associação entre os traços *callous-unemotional* e o estilo de apego evitativo, complementando o que foi encontrado por pesquisas anteriores que também relataram associações entre os TCUs e estilo de apego evitativo, comparando as características emocionalmente distantes de ambos (Hansen et al., 2011; Schoett et al., 2023;).

Kyranides (2023) argumenta que as limitações do reconhecimento das emoções das outras pessoas dificulta a criação da empatia na manutenção dos relacionamentos e que deve existir uma maior atenção aos indivíduos com estilo de apego evitativo em casos clínicos de traços *callous-unemotional*, como forma de prevenção a comportamentos antissociais e

intervenções precoces, sugere a autora. Semelhante ao resultado relatado na presente pesquisa, a autora relata que o estilo de apego evitativo pode ser um preditor de maiores escores dos TCUs tanto em homens quanto em mulheres, inclusive na idade adulta.

A associação significativa com o subfator de indiferença reforça a semelhança dos dois construtos, pois o subfator de indiferença é definido como falta de preocupação sobre suas relações pessoais, sobre seu desempenho em tarefas socialmente importantes e falta de empatia como resultado de um funcionamento autocentrado (Cardinale & Marsh, 2017), e o estilo de apego evitativo é caracterizado como menor necessidade de proximidade afetiva e emoções mais contidas (Bowlby, 1988) além de uma menor expressividade de emoções, funcionamento mais voltado para si e desconforto com relações afetivas (Ainsworth, 1969).

Pinheiro et al. (2025) em uma revisão sistemática com o objetivo de investigar fatores relacionados a teoria do apego e traços de psicopatia em mulheres, identificaram na literatura o apego evitativo como um preditor importante dos traços *callous-unemotional* em psicopatas, enquanto o estilo de apego ansioso tem uma associação negativa com os traços *callous-unemotional*, principalmente em mulheres no perfil primário dos traços. Também foi identificado que o estilo de apego evitativo apresentou uma correlação negativa com a empatia afetiva e empatia cognitiva⁴, enquanto o estilo de apego ansioso demonstrou correlação positiva com a empatia afetiva (Bloxsom et al., 2021). A pesquisa sugere que o estilo de apego evitativo apresenta uma dimensão de indiferença e falta de consideração com as emoções das pessoas semelhante aos TCUs, complementando os resultados relatados nesta pesquisa.

Sobre os resultados das análises entre os TCUs e a variável de história de vida, houve uma associação do subfator de insensibilidade entre pessoas que relataram já ter cometido ao menos três tipos de violência (verbal, física e psicológica). Os TCUs são classificados como

⁴ Empatia cognitiva é caracterizada pela empatia motivada por compreensões racionais das emoções e comportamentos das outras pessoas, não envolvendo os sentimentos. Empatia afetiva é a capacidade de “sentir” o que o outro sente de forma emocional. São também chamadas de “empatia fria e empatia quente”.

preditores dos comportamentos antissociais porque tendem a diminuir a capacidade de controlar os impulsos e fazem com que a pessoa tenda a não considerar o bem-estar de terceiros como motivações importantes. Por se tratar de um contínuo, os traços de insensibilidade precisam ser entendidos dentro de um contexto de desenvolvimento e de história de vida para serem categorizados como um traço de personalidade, um transtorno ou a dimensão que apresenta ou não risco para si e para sociedade (Craig & Moretti, 2018; Robertson et al., 2023).

Os traços de insensibilidade não seguem o mesmo padrão desenvolvimental em todas as crianças, adolescentes e adultos e estudos anteriores apresentam evidências da variabilidade do desenvolvimento dos TCUs na ontogênese, porém ainda faltam pesquisas robustas sobre os fatores protetivos e de estabilidade destes traços e como podem ser as intervenções em casos mais graves (Peng et al., 2022). Por isso, a importância de entender quais variáveis interferem no desenvolvimento de características antissociais, especialmente na infância, visto que as primeiras interações do contexto familiar, escolar e das relações em geral tornam este período um momento sensível de aprendizado de habilidades socioemocionais como empatia e regulação emocional.

A exemplo disso, Figueredo et al. (2024) em uma pesquisa sobre os traços *callous-unemotional* e a influência de fatores protetivos relatou em seus resultados que as variáveis de autorregulação emocional, empatia e responsabilidade têm uma associação negativa com os traços *callous-unemotional* e o transtorno de conduta (TC), ou seja, quanto maior o desenvolvimento destas habilidades socioemocionais menores os níveis de TCUs e TC. Os resultados também apontaram uma expressiva influência da variável de autorregulação emocional na relação entre os TCUs e TC, sugerindo que a autorregulação age como um fator protetivo significativo contra o desenvolvimento de transtorno de conduta em pessoas com traços *callous-unemotional*.

Kimonis (2013) afirma que pouco se sabe sobre os fatores contextuais no desenvolvimento desses traços, apesar de ser do conhecimento comum a importância da qualidade das relações parentais para o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes. Em sua pesquisa sobre cuidado materno, maus tratos e traços *callous-unemotional* a autora relata que dentre os resultados observados, a variável cuidado materno estava negativamente mais associada com os escores gerais dos TCUs e o subfator de indiferença e insensibilidade, sendo o subfator de indiferença o que mais fortemente indicava uma associação negativa com o cuidado materno. A autora sugere que isso pode acontecer porque a dimensão da indiferença pode estar associada a menores respostas psicofisiológicas e, por isso, menores respostas do tipo medo e ansiedade que ativam os sistemas de apego e geram distanciamento emocional desde a infância.

A rigidez e frieza por parte das figuras de cuidado, como comentários negativos, ameaças ou a falta de afetuosidade e negligência, tendem a estar associados a maiores escores dos TCUs nas crianças porque a baixa afetuosidade ou insensibilidade parental às demandas psicobiológicas da criança prejudicam o desenvolvimento de habilidade socioemocionais importantes (Tomlison, 2022). Maus-tratos e abandonos por parte destas figuras de cuidado colocam a criança em uma situação particularmente vulnerável, deixada a aprender sozinha a se autorregular emocionalmente mesmo sem a maturidade socioemocional que a tarefa exige, tendendo a gerar na criança adaptações comportamentais e representações mentais de si e de mundo atravessadas por altos níveis de estresse e desamparo (Craig & Moretti, 2018).

Nestes casos, podem surgir mecanismos de compensação como a diminuição da procura por proximidade e aumento da supressão emocional como adaptação e mecanismo de enfrentamento de situações adversas, com o indivíduo tornando-se autocentrado e, por conta disso, diminuindo a ativação do sistema de busca por proximidade. Em outros casos, o indivíduo pode desenvolver adaptações voltadas para mecanismos de compensação como a

busca ansiosa pela proximidade e intimidade como forma de autorregulação emocional extremamente dependente do outro.

Szabó et al. (2017) relatam uma associação entre maiores escores de TCUs e menores atividades na região do córtex cingulado anterior quando o indivíduo é exposto a faces com expressões de medo. Ambos os correlatos neurais do estilo de apego evitativo e dos traços de insensibilidade demonstram semelhanças de hipoativação na região cerebral do córtex cingulado anterior, região cerebral que atua, dentre outras funções, como uma conexão entre “razão e emoção” e tomada de decisão. Em um estudo de Conradi et al. (2016) sobre as associações entre os TCUs e estilo de apego, os resultados da pesquisa relataram uma associação positiva entre os TCUs e o estilo de apego evitativo e uma associação negativa entre os TCUs e o estilo de apego ansioso. Os autores sugeriram haver uma hipoativação da amígdala como uma interseção nos correlatos neurais do estilo de apego evitativo e dos TCUs.

Sobre a amígdala, diversas pesquisas se debruçaram em investigar associações entre a falta de empatia ou frieza emocional com o complexo amigdalóide, especificamente a diminuição da atividade nesta região, dada sua importância para os estados de ansiedade, medo e reações a situações de perigo ou ameaça (Dadds et al., 2013; Crai, Goulter & Moretti, 2021; Craig & Moretti, 2018). Também foram relatadas associações entre os traços *callous-unemotional* e menores níveis de contato visual entre crianças com maiores escores de TCUs e suas mães, sugerido que o menor contato visual pode impactar no desenvolvimento sadio de habilidades socioemocionais como empatia diminuindo a vinculação afetiva (Dadds et al., 2013).

Os resultados relacionados a este tema trazem associações importantes entres TCUs e variáveis individuais e sociais, mas é necessário manter a análise crítica compreendendo que o estilo de apego e as relações interpessoais na infância são variáveis significativas mas não

podem sozinhas serem consideradas as causas finais dos traços de insensibilidade, desconsiderando o potencial de mudança que existe nos indivíduos e na modulação comportamental através de novas experiências (Pauli-Pott, 2025). Com isso, torna-se importante considerar as variáveis de história de vida, as características subjetivas, os fatores protetivos e as relações interpessoais, principalmente nos primeiros anos de vida, como essenciais para o entendimento dos traços de insensibilidade e como estes traços podem ser agravados ou atenuados em cada indivíduo.

Considerações finais

Tão importante quanto investigar os fatores agravantes dos traços de insensibilidade e afetividade restrita é, também, entender os fatores protetivos e como o desenvolvimento de habilidades socioemocionais como a autorregulação emocional, empatia, a qualidade dos vínculos afetivos e o fortalecimento de características de personalidade positivas podem evitar agravamento do desenvolvimento de níveis nocivos destes traços. A qualidade das relações na infância, especialmente nos primeiros anos, é uma variável significativa na construção de representações mentais saudáveis de si e de mundo e, por isso, intervenções precoces são relevantes quando o objetivo for diminuir tendências a comportamentos antissociais ou potencialmente violentos em crianças e adolescentes, considerado como pontos de intervenção a qualidade das relações parentais, os ambientes de socialização e o aprendizado de novos repertórios comportamentais ao longo da vida.

No Brasil, até o presente momento, ainda não foram publicados trabalhos sobre a investigação dos traços de insensibilidade e afetividade restrita e os estilos de apego. A escassez de pesquisas nacionais sobre o tema deixa uma lacuna a ser preenchida por investigações futuras que poderão usar os resultados desta pesquisa como base para trabalhos futuros. A presente pesquisa restringiu suas análises a investigação de apenas duas variáveis principais, os traços de insensibilidade e afetividade restrita e o estilo de apego, com uma

restrição de faixa etária de 18 a 21 anos e com uma amostra de 217 participantes. Apesar de ter sido levada em consideração a variável de história de vida dos comportamentos antissociais prévios, a falta de estudos brasileiros sobre o tema dificultou a comparação dos resultados obtidos com outras amostras, sobretudo por se tratar de uma amostra da população geral. A pesquisa foi realizada utilizando instrumentos de autorrelato na modalidade virtual, o que pode gerar um viés de desejabilidade social dos respondentes por se tratar de perguntas de teor sensível, mesmo que respondidas de forma anônima. A dificuldade em acessar informações sensíveis, como comportamentos antissociais, ou até mesmo possíveis revitimizações ao relatar vivências de violências, podem interferir na qualidade das respostas aos questionários.

Contudo, os dados levantados neste trabalho e as discussões que podem ser feitas através desta pesquisa possibilitam novos entendimentos na psicologia, assim como em outras áreas da ciência, sobre as relações humanas, comportamento e personalidade. As mudanças nas interações sociais de crianças, adolescentes e jovens adultos mediadas por tecnologias e pelo excesso de violências e sua banalização, somado ao isolamento como um fenômeno que atravessa as famílias de todas as classes brasileiras, têm gerado sérios adoecimentos psíquicos que desdobram-se na busca de pertencimento em grupos online por crianças e adolescentes na tentativa de serem vistos. É preciso estarmos atentos a qualidade das relações humanas e termos o cuidado redobrado quando falamos de infância e adolescência na sociedade como conhecemos hoje. Se quisermos prevenir o desenvolvimento de comportamentos preocupantes e adoecimentos individuais e coletivos dos jovens, precisamos melhorar as relações desde os primeiros anos de vida, acolhendo, estando presente, ensinando as crianças a como se regular emocionalmente e controlar seus impulsos e, principalmente, através de exemplos positivos e de vínculos de cuidados reais.

Referências

- Adelstein, S. J., Shehzad, Z., Mennes, M., DeYoung, C. G., Zuo, X. N., Kelly, C., Margulies, D. S., Bloomfield, A., Gray, J. R., Castellanos, F. X., & Michael, P. (2011). Personality is reflected in the brain's intrinsic functional architecture. *PLoS one*. 6(11). doi.org/10.1371/journal.pone.0027633
- Ainsworth, M. D. S., & Bell, S. M. (1970). Attachment, exploration and separation: Illustrated by the behavior of one-years-olds in strange situation. *Child Development*. 41(1), 49-67. doi.org/10.2307/1127388
- Bloxsom, C. A. J., Firth, J., Kibowski, F., Egan, V., Sumich, A. L., & Heym, N. (2021). Dark shadow of the self: How the dark triad and empathy impact parental and intimate adult attachment relationships in women. *Forensic Science International: Mind and Law*. 2 (100045). doi.org/10.1016/j.fsimpl.2021.100045
- Bowlby, J. (1988). A secure base: parent-child attachment and healthy human development. Basic Book.
- Bowlby, J. (1969). Attachment and loss: attachment. 1. Basic Books.
- Craig, S. G., & Moretti, M. M. (2018). Profile of primary and secondary callous- unemotional features in youth: The role of emotion regulation. *Development and Psychopathology*. 1-12. doi.org/10.1017/S0954579418001062
- Craig, S. G., Goulter, N., & Moretti, M. M. (2021). A Systematic Review of Primary and Secondary Callous-Unemotional Traits and Psychopathy Variants in Youth. *Clinical Child and Family Psychology Review*. 24, 65-91. doi.org/10.1007/s10567-020-00329-x
- Cardinale, E. M., & Marsh, A. A. (2017). The Reliability and Validity of the Inventory of Callous-Unemotional Traits: A Meta-Analytic Review. *Assessment*, 27(1), 57-71. doi.org/10.1177/1073191117747392
- Conradi, H. J., Boertien, S. D., Cavus, H., & Verschuere, B. (2016). Examining psychopathy from an attachment perspective: the role of fear of rejection and abandonment. *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*. 27(1), 92-109. doi.org/10.1080/14789949.2015.1077264
- Dadds, M. R., Allen, J. L., McGregor, K., Woolgar, M., Viding, E., & Scott, S. (2013). Callous-unemotional traits in children and mechanisms of impaired eye contact during expressions of love: a treatment target?. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*. 55(7), 771-800. doi: 10.1111/jcpp.12155
- Deng, M., Zhang, X., Bi, X., & Gao, C. (2021). Neural basis underlying the trait of attachment anxiety and avoidance revealed by the amplitude of low-frequency fluctuations and resting-state functional connectivity. *BMC Neuroscience*. 22(11). doi.org/10.1186/s12868-021-00617-4
- DeWall, C. N., Masten, C. L., Powell, C., Combs, D., Schurtz, D. R., & Eisenberger, N. I. (2012). Do neural responses to rejection depend on attachment style? An fMRI study. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*. 7(2), 184-192. doi.org/10.1093/scan/nsq107

- Figueredo, P., Azeredo, A., Barroso, R., & Barbosa, F. (2024). Callous-Unemotional Traits and Conduct Problems in Children: The Role of Strength and Positive Characteristics. *Behavioral Sciences*. 14(7). doi.org/10.3390/bs14070609
- Frick, P. J., & Ray, J. V. (2015). Evaluating Callous-Unemotional Traits as a Personality Construct. *Journal of Personality*. 83(6). doi: 10.1111/jopy.1211
- Frick, P. J., Ray, J. V., Thornton, L. C., & Kahn, R. E. (2014). The Road Forward for Research on Callous-Unemotional Traits: Reply on Lahey. *Psychological Bulletin*. 140(1), 64-68. doi.org/10.1037/a0033710
- Frick, P. J., & White, S. F. (2008). Research Review: The importance of callous-unemotional traits for developmental models of aggressive and antisocial behavior. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*. 49(4), 359-375. doi:10.1111/j.1469-7610.2007.01862.x
- Fontaine, N. M. G., Rozéfort, A., & Bégin, V. (2023). Associations between callous-unemotional traits and psychopathology in sample of adolescent females. *Journal of the Canadian academy of child and adolescent psychiatry*. 32(1), 14-26. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36776930/>
- Gao, Y., & Raine, A. (2024). Primary and Secondary variants of Callous-Unemotional Traits in community youths: Differences in anticipatory fear. *Children*. 11(359). doi.org/10.3390/children11030359
- Golmaryami, F. N., Vaughan, E. P., & Frick, P. J. (2021). Callous-Unemotional Traits and romantic relationships. *Personality and Individual Differences*. 168. doi.org/10.1016/j.paid.2020.110408
- Hansen, A. L., Waage, L., Eid, J., Johnsen, B. H., & Hart, S. (2011). The relationship between attachment, personality and antisocial tendencies in a prison sample: a pilot study. *Scandinavian Journal of Psychology*. 52(3), 268-276. doi 10.1111/j.1467-9450.2010.00864.x
- Heim, C. (2015). Adult attachment styles and psychopathic traits: A relationship mediated by empathy and emotional regulation. *USC Aiken Psychology Theses*. https://scholarcommons.sc.edu/aiken_psychology_theses/25
- Honório, H. (2022). Teste Post-Hoc. *Canal Pesquisa*. <https://www.canalpesquisa.com.br/c%C3%B3pia-tut-40-2-post-hoc>
- Keller, H. (2022). The myth of attachment theory: a critical understanding for multicultural societies. *Routledge*. doi: 10.4324/9781003167099
- Kimonis, E. R., Cross, B., Howard, A., & Donoghue, K. (2013). Maternal Care, Maltreatment and Callous-Unemotional Traits Among Urban Male Juvenile Offenders. *Journal of Youth and Adolescence*. 42, 165-177. doi:10.1007/s10964-012-9820-5
- Kimonis, E. R., Frick, P. J., Munoz, L. C., & Katherine, J. A. (2008). Callous-unemotional traits and the emotional processing of distress cues in detained boys: testing the moderating role of aggression, exposure to community violence, and histories of abuse. *Development and psychopathology*. 20(2), 569-589. doi.org/10.1017/S095457940800028X

- Kyranides, M. N., Kokkinou, A., Imran, S., & Cetin, M. (2023). Adult attachment and psychopathic traits: investigating the role of gender, maternal and paternal factors. *Current Psychology*. 42, 4672 – 4681. doi.org/10.1007/s12144-021- 01827-z
- Lima, M. (2021). O que é o teste de Shapiro-Wilk?. *Blog Psicometria Online*. Acessado em <https://www.blog.psicometriaonline.com.br/o-que-e-o-teste-de-shapiro-wilk/>
- Naveed, S., Saboor, S., & Zeshan, M. (2020). An overview of attachment patterns: Psychology, Neurobiology and clinical implications. *Journal of Psychosocial Nursing and Mental Services*. 58(8). doi: 10.3928/02793695-20200717-01
- Mack, T. D., Hackney, A. A., & Pyle, M. (2011). The relationship between psychopathic traits and attachment behavior in a non-clinical population. *Personality and Individual Differences*. 51, 584-588. doi: 10.1016/j.paid.2011.05.019
- Molnar-Szakacs, I., & Uddin, L. Q. (2022). Anterior insula as a gatekeeper of executive control. *Neuroscience and Biobehavioral Review*. 139. doi.org/10.1016/j.neubiorev.2022.104736
- Moore, A. A., Blair, R. J., Hettema, J. M., & Roberson-Nay, R. (2019). The genetic underpinnings of callous-unemotional traits: A systematic research review. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*. 100, 85-97. doi.org/10.1016/j.neubiorev.2019.02.018
- Moore, A. A., Rappaport, L. M., Blair, R. J., Pine, D. S., Leibenluft, E., Brotman, A., Hettema, J. M., & Roberson-Nay, R. (2019). Genetic underpinnings of callous-unemotional traits and emotion recognition in children, adolescents, and emerging adults. *The Journal of Child Psychology and Psychiatry*. 60(6), 638-645. doi.org/10.1111/jcpp.13018
- Organização Mundial da Saúde. (2019). Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde (11^a ed.). *Organização Mundial da Saúde*. <https://icd.who.int>
- Pasalich, D. S., Dadds, M. R., Hawes, D. J., & Brennan, J. (2012). Attachment and callous-unemotional traits in children with early-onset conduct problems. *The Journal of Child Psychology and Psychiatry*. 53(8), 838-845. doi: 10.1111/j.1469-7610.2012.02544.x.
- Pinheiro, L. M., Machado, B. A., Gonçalves, R. A., Caridade, S., & Cunha, O. (2025). Exploring attachment-related factors and psychopathic traits: A systematic review focused on women. *Behavioral Science*. 15(9), 1293. doi: 10.3390/bs15091293
- Peng, J., Lu, H., Zhang, J., Yuan, W., Fang, P., Tian, J., & Wang, L. (2022). Parental attachment and emotional intelligence mediates the effect of childhood maltreatment on callous-unemotional traits among incarcerated male adolescents. *Scientific Reports*. doi.org/10.1038/s41598-022-25285-0
- Pauli-Pott, U., Sens, L., & Pott, C. (2025). Association between callous-unemotional traits cognitive control performance and reward sensitivity in youths with conduct problems - A systematic review and meta-analysis. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*. 174. doi.org/10.1016/j.neubiorev.2025.106211
- Raschle, N. M., Menks, W. M., Fehlbaum, L. V., Steppan, M., Smaragdi, A., Madruga, K. G., Rogers, J., Clanton, R., Kohl, G., Martinelli, A., Bernhard, A., Konrad, K., Dahlmann, B.

- H., Freitag, C. M., Fairchild, G., De Brito, S. A., & Stadler, C. (2018). Callous-unemotional traits and brain structure: Sex-specific effects in anterior insula of typically-developing youths. *NeuroImage: Clinical*. 17, 856-864. doi.org/10.1016/j.nicl.2017.12.015
- Rigatti, R., DeSouza, D., Salum, G., Alves, P. F. O., Bottan, G., & Heldt, E. (2017). Adaptação transcultural do Inventory of Callous-unemotional Traits Para avaliação de traços de insensibilidade e afetividade restrita de adolescentes no Brasil. *Revista Gaúcha de Enfermagem*. 38(3). doi.org/10.1590/1983-1447.2017.03.64754
- Robertson, E. L., Ray, J. V., Frick, P. J., Vaughan, E. P., Thornton, L. C., Myers, T., W., Steinberg, L., & Cauffman, E. (2023). The Bidirectional Effects of Antisocial Behavior, Anxiety, and Trauma Exposure: Implications for our Understanding of the Development of Callous-Unemotional Traits. *American Psychological Association*. 132(4). 445-460. doi.org/10.1037/abn0000815
- Schoett, M. J. S., Basten, U., Deichmann, R., Fiebach, C. J., & Fischmann, T. (2023). Brain Responses to social cues of attachment in mid-childhood. *Attachment & Human Development*. 25(1). 35-49. doi.org/10.1080/14616734.2020.1840791
- Sethi, A., Sarkar, S., Dell'Acqua, F., Viding, E., Catani, M., Murphy, D. G. M., & Craig, M. C. (2018). Anatomy of the dorsal default-mode network in conduct disorder: Association with callous-unemotional traits. *Developmental Cognitive Neuroscience*. 30, 87-92. doi.org/10.1016/j.dcn.2018.01.004
- Simpson, J. A., Rholes, W. S., Eller, J., & Paetzold, R. L. (2020). Major principles of Attachment Theory: Overview, Hypotheses and Research Ideas. *Social psychology: Handbook of basic principles*, 3rd ed., 222-239. https://socialinteractionlab.psych.umn.edu/sites/socialinteractionlab.psych.umn.edu/files/202012/simpson_et_al._attachment_handbook_chapter_2021.pdf
- Szabó, E., Kocsel, N., Édes, A., Pap, D., Galambos, A., Zsombók, T., Szabó, Á., Kozák, L., Bagdy, G., Juhász, G., & Kökönyei, G. (2017). Callous-unemotional traits and neural responses to emotional faces in a community sample of young adults. *Personality and Individual Differences*. 111, 312-317. doi.org/10.1016/j.paid.2017.02.026
- Ripardo, R. C. T. (2015). A influência do neuroticismo na relação entre eventos estressores e apego adulto. *Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo*. São Paulo.
- Tomlinson, R. C., Hyde, L. W., Dotterer, H. L., Klump, K. L., & Burt, S. A. (2022). Parenting moderates the Etiology of callous-unemotional traits in middle childhood. *Journal of child psychology and psychiatry*. 63(8), 912-920. doi:10.1111/jcpp.13542.
- Veroude, K., Rhein, D. V., Chauvin, R. J. M., Dongen, E. V. V., Mennes, M. J. J., Franke, B., Heslenfeld, D. J., Oosterlaan, J., Hartman, C. A., Hoekstra, P. J., Glennon, J. C., & Buitelaar, J. K. (2016). The link between callous-unemotional traits and neural mechanisms of reward processing: An fMRI study. *Psychiatry Research: Neuroimaging*. 255, 75-80. doi: 10.1016/j.psychresns.2016.08.005
- Viding, E., & McCrory, E. (2012). Genetic and neurocognitive contributions to the development of psychopathy. *Development and Psychopathology*. 24, 969-983. doi:10.1017/S095457941200048X

- Waller, R., Wagner, N. J., Barstead, M. G., Subar, A., Petersen, J. L., Hyde, J. S., & Hyde, L. W. (2019). A meta-analysis of the associations between callous-unemotional traits and empathy, prosociality and guilt. *Clinical Psychology Review*. 75. doi.org/10.1016/j.cpr.2019.101809
- Wells, R. H. C., Bay-Nielsen, H., Braun, R., Israel, R. A., Laurenti, R. Maguin, P., & Taylor, E. (2011). CID-10: classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde. São Paulo. EDUSP.
- Winters, D. E., & Hyde, L. W. (2022). Associated Functional Network Connectivity between callous-unemotionality and cognitive and affective empathy. *Journal of Affective Disorder*. 318, 304-313. doi.org/10.1016/j.jad.2022.08.103
- White, L., Kungl, M., & Vrticka, P. (2023). Charting the social neuroscience of human attachment (SoNeAt). *Attachment & Human Development*. 25, 1-18. doi.org/10.1080/14616734.2023.2167777
- Wright, N., Pickles, A., Braithwaite, E. C., Sharp, H., & Hill, J. (2019). Sex-dependent associations between maternal prenatal cortisol and child callous- unemotional traits: Findings from the Wirral Child Health and Development Study. *Psychoneuroendocrinology*. 109. doi.org/10.1016/j.psyneuen.2019.104409
- Zahn-Waxler, C., Radke-Yarrow, M., & King, R. A. (1979). Child rearing and children's prosocial initiations toward victims of distress. *Child Development*. 50(2), 319-330. doi.org/10.2307/1129406

APÊNDICE A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Projeto: Traços *Callous-Unemotional* e Teoria do Apego: Insensibilidade e Afetividade Restrita em jovens adultos no norte do Brasil

Você está sendo convidado para participar do estudo a “**Traços *Callous-Unemotional* e Teoria do Apego: Insensibilidade e Afetividade Restrita em jovens adultos no norte do Brasil**”. Esta pesquisa pretende investigar a relação entre os traços de personalidade de insensibilidade e afetividade restrita (*Callous-Unemotional*) e suas possíveis relações com o estilo de apego em jovens adultos. Para isso, iremos caracterizar o perfil sociodemográfico dos participantes com informações sobre história de vida, avaliar os traços de personalidade *callous-unemotional* e avaliar o estilo de apego e jovens adulto; e relacionar as medidas de apego adulto com traços da personalidade *callous-unemotional*. Caso você aceite participar da pesquisa você deverá concordar com este termo e responder a dois questionários e um inventário de forma online e anônima, levando em média 20 minutos para concluir sua participação. Durante o preenchimento dos instrumentos sua privacidade será preservada, omitindo seu nome e informações pessoais em qualquer inventário, protocolos, planilhas, questionário, programas para análise de dados entre outros, garantido o anonimato do participante respeitando sua integridade e mantendo sua imagem preservada.

A pesquisa não gerará nenhum tipo de custo financeiro ao participante, contudo é possível que ao fornecer informações sobre sua história de vida e estilo de apego haja algum tipo de incômodo em responder as perguntas. Em caso de desconforto decorrente das respostas aos instrumentos, o participante tem direito a receber assistência psicológica de forma gratuita, tanto online quanto presencial. Em caso de solicitação de assistência de

forma online o participante poderá entrar em contato com a equipe através do email da pesquisadora camila.goncalves@ntpc.ufpa.br. Se houver necessidade de acolhimento presencial será previamente agendado um dia e horário e a assistência ocorrerá na Universidade Federal do Pará, Núcleo de Teoria e Pesquisa do comportamento, prédio II, sala 12. A pesquisa não fornecerá nenhum tipo de benefício direto ao participante, pois trata-se de estudo descritivo e analítico, investigando a hipótese de que “Os traços de personalidade *callous-unemotional* apresentam alguma correlação positiva com o estilo de apego em jovens adultos”. Os dados coletados serão utilizados para fins científicos, auxiliando no entendimento das relações entre os estilos de apego e traços da personalidade *callous-unemotional* na amostra de participante de 18 a 21 anos no Brasil. Os resultados obtidos permitirão o desenvolvimento de uma pesquisa científica de mestrado, assim como também poderão ser apresentado em eventos científicos e publicações no formato de resumo ou artigo.

Em qualquer etapa do estudo você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa em caso de eventuais dúvidas e receberá uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido através do email registrado. A pesquisa tem como pesquisador responsável a discente Camila Borges Gonçalves (PPGNC/UFPA), com orientação da Professora Doutora Rachel Coêlho Ripardo Teixeira (NTPC), UFPA campus Guamá, Setor: Básico, NTPC prédio 2, Sala 12. Durante todo o período de realização do estudo, você poderá tirar suas dúvidas e acompanhar o andamento da pesquisa, solicitando informações para a pesquisadora Camila Borges Gonçalves através do email camila.goncalves@ntpc.ufpa.br, ou para a orientadora Rachel Coelho Ripardo Teixeira através do endereço: Núcleo de Teoria e Pesquisa, Prédio II, Campus Universitário do Guamá, Rua Augusto Corrêa, 01, Belém, Pará, Brasil – CEP 66075-110, fone (91) 3201-7949, e-mail rcripardo@ufpa.br. Você também pode contactar o Comitê de Ética e

Pesquisa do Núcleo de Medicina Tropical (CEP/NMT/UFPA) - Av. Generalíssimo Deodoro, Bairro: Umarizal, CEP: 66055- 240, Belém-Pará, Tel: 3201-0961. E-mail: cepnmt@ufpa.br. É garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento assim como deixar de participar da pesquisa, além do direito de ser mantido atualizado(a) sobre os resultados parciais da pesquisa, quando em estudos abertos, ou de resultados que sejam do conhecimento dos pesquisadores. Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo, incluindo exames e consultas. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Leia a declaração abaixo e, caso concorde em participar da pesquisa, clique em “concordo”, caso contrário, basta clicar em “discordo” e enviar o formulário. Tendo sido assim explicados os objetivos, a importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará, e estar ciente de todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa “a relação entre traços *callous-unemotional* e o estilo de apego em jovens adultos”. Estou ciente que o projeto foi autorizado pelo Comitê de Ética de Pesquisas com Seres Humanos do Núcleo de Medicina Tropical da Universidade Federal do Pará, Parecer Nº 7.548.862. Autorizo a divulgação dos resultados e conclusões da pesquisa por meio de publicações e/ou eventos, desde que nenhum dado possa me identificar.

APÊNDICE B**QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO E DE HISTÓRIA DE VIDA**

O presente questionário tem como objetivo coletar informações para caracterizar a amostra de participantes da pesquisa, bem como coletar dados referentes a história de vida.

Não se preocupe, sua identidade será preservada.

1. Idade:
2. Gênero que se identifica:
3. Cidade e estado em que vive:
4. Escolaridade:
5. Ocupação:
6. Mora com:
7. Você já teve algum conflito de alguma natureza com alguém da sua família (agressões verbais, físicas, psicológicas, sexuais)? Se sim, qual ou quais?
8. Você já teve conflitos de alguma natureza na escola ((agressões verbais, físicas, psicológicas, sexuais)? Se sim, qual ou quais?
9. Você já teve algum conflito ou foi detido por alguma autoridade policial?
10. Você já foi levado(a) para um Centro de Atendimento Socioeducativo (CASE) ou outra instituição destinadas a menores de idade em conflito com a lei?

11. Você já foi levado(a) ao Conselho Tutelar?

12. Você já foi vítima de algum tipo de violência (verbal, física, psicológica, sexual)? Se sim, qual ou quais?

13. Você já praticou algum tipo de violência (verbal, física, psicológica, sexual)? Se sim, qual ou quais?

ANEXO 1

ESCALA DE ESTILO DE RELACIONAMENTO

As seguintes perguntas dizem respeito a como você geralmente se sente na relações íntimas importantes em sua vida. Pense sobre seus relacionamentos passados e presentes com as pessoas que foram especialmente importantes para você, como membros da família, parceiros(as) românticos(as), e amigos íntimos. Responda a cada afirmação em termos de como você geralmente se sente nessas relações.

	Não tem nada a ver comigo	Tem pouco a ver comigo	Tem mais ou menos a ver comigo	Tem bastante a ver comigo	Tem tudo a ver comigo
1. Acho relativamente fácil me aproximar das pessoas.					
2. Acho difícil depender dos outros (me apoiar e contar com os outros).					
3. Muitas vezes fico preocupado(a) pensando de minha(meu) parceira(o) amorosa(o) realmente me ama.					
4. Eu acho que a outras pessoas não querem se aproximar de mim tanto quanto eu gostaria.					
5. Eu me sinto bem dependendo das outras pessoas (me apoiando e contando com os outros).					
6. Eu <u>não</u> me incomodo quando as pessoas ficam muito ligadas afetivamente a mim					

7. Eu acho que as pessoas nunca estão lá quando a gente precisa delas.					
8. Eu me incomodo um pouco com a proximidade afetiva das outras pessoas.					
9. Frequentemente eu me preocupo com a possibilidade de minha(meu) parceira(o) amorosa(o) não querer mais ficar comigo.					
10. Quando demonstro meus sentimentos para os outros, tenho medo que eles não sintam o mesmo por mim.					
11. Muitas vezes me pergunto se minhas(meus) parceiras(o) amorosas(os) realmente gostam de mim.					
12. Eu me sinto bem quando estabeleço relações próximas com outras pessoas.					
13. Eu não gosto quando alguém fica muito ligado afetivamente a mim.					
14. Eu sei que as pessoas estarão lá quando eu precisar delas.					
15. Eu quero me aproximar das pessoas, mas tenho medo de me ferir.					
16. Eu acho difícil confiar inteiramente nos outros.					
17. Em geral, minhas(meus) parceiras(os) amorosas(os) querem que eu fique emocionalmente mais próximo(a) delas(es) do que eu gostaria.					
18. Não tenho certeza de poder contar sempre com os outros quando eu precisar deles.					

ANEXO 2

INVENTÁRIO TRAÇOS DE INSENSIBILIDADE E AFETIVIDADE RESTRITA (ICU)

Instruções: Leia cada afirmação e decida o quanto cada uma delas descreve você. Marque sua resposta circulando o número mais apropriado. Por favor, não deixe nenhuma afirmação sem resposta

	Não é verdade	É um pouco verdade	É muito verdade	Definitivamente é verdade
1. Eu mostro meus sentimentos abertamente	0	1	2	3
2. O que eu acho ser <i>certo</i> e <i>errado</i> é diferente do que outras pessoas acham	0	1	2	3
3. Eu me importo se estou indo bem na escola ou no trabalho	0	1	2	3
4. Eu não me importo em machucar alguém para conseguir o que eu quero	0	1	2	3
5. Eu me sinto mal ou culpado(a) quando faço algo errado	0	1	2	3
6. Eu não mostro minhas emoções para outras pessoas	0	1	2	3
7. Eu não me importo de chegar atrasado	0	1	2	3
8. Eu me importo com o sentimento dos outros	0	1	2	3
9. Eu não me importo de me meter em confusão	0	1	2	3
10. Eu não deixo os meus sentimentos me controlarem.	0	1	2	3

11. Eu não me importo em fazer as coisas bem feita.	0	1	2	3
13. Eu pareço indiferente e insensível com outros.	0	1	2	3
19. Para mim, é fácil admitir quando estou errado.	0	1	2	3
20. É fácil para os outros perceberem como eu estou me sentindo.	0	1	2	3
21. Eu sempre tento fazer o melhor que eu posso.	0	1	2	3
22. Eu peço desculpas (digo “eu sinto muito”) para pessoas que eu machuco.	0	1	2	3
23. Eu tento não ferir os sentimentos dos outros.	0	1	2	3
24. Eu não me sinto culpado(a) quando faço alguma coisa errada.	0	1	2	3
25. Eu demonstro meus sentimentos e sou muito emotivo(a).	0	1	2	3
26. Para mim, fazer as coisas bem-feitas é perda de tempo.	0	1	2	3
27. Os sentimentos dos outros não são importantes para mim.	0	1	2	3
28. Eu escondo os meus sentimentos dos outros.	0	1	2	3
29. Eu me dedico muito a tudo o que eu faço.	0	1	2	3
30. Eu faço coisas para que os outros se sintam bem.	0	1	2	3

ANEXO 3

APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS

NÚCLEO DE MEDICINA TROPICAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - NMT/UFPA	
--	---

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A relação entre traços callous-unemotional e o estilo de apego em jovens adultos.

Pesquisador: CAMILA BORGES GONCALVES

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 88341725.6.0000.5172

Instituição Proponente: Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.647.562

Apresentação do Projeto:

Tipo de projeto: Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Neurociências e Comportamento: PPGNC, do Núcleo em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Orientador: Dra. Rachel Ripardo.

O projeto de pesquisa é de caráter correlacional e transversal, sendo o estilo de apego e os traços callous-unemotional as variáveis investigadas. A coleta de dado será feita de forma online através da plataforma Google Forms, utilizando 3 instrumentos, sendo eles o questionário sociodemográfico, questionário de avaliação do estilo de apego (RAAS) e o inventário callous-unemotional (ICU). O número de participantes será no mínimo 100 (50 homens e 50 mulheres) e no máximo 200 (100 homens e 100 mulheres), com idade entre 18 e 21 anos. A divulgação será feita no campus da Universidade Federal do Pará através de panfletos e divulgação do link de acesso ao Google Forms de forma online. A análise dos dados será feita utilizando o programa SPSS.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

O objetivo da pesquisa será identificar, analisar e avaliar se há relação entre os traços callous-unemotional e o estilo de apego em jovens adultos.

Endereço: Av. Generalíssimo Deodoro, n° 92 Bairro: Umarizal UF: PA Município: BELEM Telefone: (91)3201-0961	CEP: 66.055-240 E-mail: cepnmt@ufpa.br
---	--

**NÚCLEO DE MEDICINA
TROPICAL DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARÁ -
NMT/UFPA**



Continuação do Parecer: 7.647.562

Objetivos Secundários

- a) avaliar os níveis de escores dos traços callous-unemotional de jovens adultos;
- b) avaliar o estilo de apego de jovens adultos.;
- c) investigar a relação entre os escores dos traços callous-unemotional e o estilo de apego em jovens adultos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

É possível que ao fornecer informações sobre sua história de vida e estilo de apego haja algum tipo de incômodo em responder as perguntas. Em caso de desconforto decorrente das respostas aos instrumentos, o participante tem direito a receber assistência psicológica de forma gratuita, tanto online quanto presencial. Em caso de solicitação de assistência de forma online o participante poderá entrar em contato com a equipe através do e-mail da pesquisadora camila.goncalves@ntpc.ufpa.br. Se houver necessidade de acolhimento presencial será previamente agendado um dia e horário e a assistência ocorrerá na Universidade Federal do Pará, Núcleo de Teoria e Pesquisa do comportamento, prédio II, sala 12. Durante o preenchimento dos instrumentos sua privacidade será preservada, omitindo seu nome e informações pessoais em qualquer inventário, protocolos, planilhas, questionário, programas para análise de dados entre outros, garantido o anonimato do participante respeitando sua integridade e mantendo sua imagem preservada.

Benefícios:

A pesquisa não fornecerá nenhum tipo de benefício direto ao participante, pois trata-se de estudo descritivo e analítico, investigando a hipótese de que: Os traços de personalidade callous-unemotional apresentam alguma correlação positiva com o estilo de apego em jovens adultos; Os dados coletados serão utilizados para fins científicos, auxiliando no entendimento das relações entre os estilos de apego e traços da personalidade callousunemotional na amostra de participante de 18 a 21 anos no Brasil.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa de importância científica, médica, social ou tecnológica: Importante relevância social e psicológica. Sem conflitos éticos. A metodologia é simples, exequível e viável. O cronograma de execução da pesquisa é coerente com os objetivos propostos e está adequado ao tempo de

Endereço: Av. Generalíssimo Deodoro, nº 92
 Bairro: Umarizal CEP: 66.055-240
 UF: PA Município: BELEM
 Telefone: (91)3201-0961 E-mail: cepnmt@ufpa.br

**NÚCLEO DE MEDICINA
TROPICAL DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARÁ -
NMT/UFPA**



Continuação do Parecer: 7.647.562

tramitação do projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

1. Folha de rosto CONEP (preenchida adequadamente e assinada): Apresentado e adequado
2. Projeto de Pesquisa original na íntegra (versão em português e inglês, quando for o caso): Apresentado e adequado
3. TCLE Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Apresentado e adequado:
4. TALE: Não se aplica, pois os participantes são maiores de idade
5. TAI: Não se aplica, pois a pesquisa será realizada por meio da plataforma Google Forms,
6. TCUD: Não se aplica, pois não envolve informações de banco de dados de instituições, prontuários médicos ou odontológicos, excetuando os bancos de dados de acesso público
7. Cronograma: Apresentado e adequado

Recomendações:

Não há

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências do parecer anterior foram atendidas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, este Colegiado manifesta-se pela **APROVAÇÃO** do protocolo de pesquisa por estar de acordo com a Resolução CNS nº466/2012, Norma Operacional 001/2013 e ofício circular nº 2/2021/CONEP para pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual.

Esclarecemos que a responsabilidade do pesquisador é indelegável, indeclinável e compreende aspectos éticos e legais. Cabe ainda ao pesquisador:

- a) desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) elaborar e apresentar os relatórios parciais e final para este CEP;
- c) apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento;
- d) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa;
- e) encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;
- f) justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, alteração ou interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.
- g) comunicar antecipadamente alterações no cronograma por meio da Plataforma Brasil via

Endereço: Av. Generalíssimo Deodoro, nº 92

Bairro: Umarizal

CEP: 66.055-240

UF: PA

Município: BELEM

Telefone: (91)3201-0961

E-mail: cepnmt@ufpa.br

**NÚCLEO DE MEDICINA
TROPICAL DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARÁ -
NMT/UFPA**



Continuação do Parecer: 7.647.562

Emenda.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2477588.pdf	12/05/2025 07:39:10		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	A_relacao_entre_tracos_callousunemotional_e_estilo_de_apego_em_jovens_adultos.docx	12/05/2025 07:38:44	CAMILA BORGES GONCALVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_e_Escelarecido_Maio.docx	12/05/2025 07:27:42	CAMILA BORGES GONCALVES	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_para_pesquisa_com_humanos.pdf	15/01/2025 10:43:49	CAMILA BORGES GONCALVES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELEM, 17 de Junho de 2025

Assinado por:
FABIOLA ELIZABETH VILLANOVA
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Generalíssimo Deodoro, n° 92

Bairro: Umarizal

CEP: 66.055-240

UF: PA

Município: BELEM

Telefone: (91)3201-0961

E-mail: cepnmt@ufpa.br